

DANIEL

Introdução

Esboço

Capítulo 1	Capítulo 4	Capítulo 7	Capítulo 10
Capítulo 2	Capítulo 5	Capítulo 8	Capítulo 11
Capítulo 3	Capítulo 6	Capítulo 9	Capítulo 12

INTRODUÇÃO

Nome do Livro. Em nossas Bíblias o título desta porção das Escrituras é "O Livro de Daniel". Na Bíblia Hebraica o título é simplesmente, "Daniel", o que, de acordo com o costume seguido pelos Profetas Maiores e Menores, corresponde ao nome do autor do livro. Como em diversos outros livros de profecia (por exemplo, Jeremias e Oséias), o autor também é o personagem principal dos acontecimentos registrados. Essa obra do Velho Testamento leva esse nome nas mais antigas listas e referências. Jesus referiu-se às profecias deste livro como "de que falou o profeta Daniel" (Mt. 24:15; Mc. 13:14). O testemunho de nosso Senhor não diz simplesmente que o livro tinha o nome de Daniel, mas que suas profecias foram proferidas por ele.

O nome de Daniel tem sido identificado na literatura de diversas outras línguas antigas – acadiano, sabeu, palmirênio, nabateano (J.A. Montgomery, *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel*, ICC, pág. 128), e na literatura cananita de Ras Shamra, onde aparece um herói chamado Daniel (*Tale of Aqhat*, ANET, 149-155).

Os mestres evangélicos geralmente identificam o autor de nosso livro com o Daniel de Ezequiel 14:14, 20 e 28:3, onde é citado, junto com Noé e Jó, como exemplo de homem justo. Aqueles que negam a autenticidade de Daniel defendem que o Daniel de Ezequiel é "uma figura da tradição antiga e cosmopolita, como o Noé-Utnapishtim da

história do dilúvio", etc. (Montgomery, ICC, pág. 2). O Jó e o Noé de Ezequiel, contudo, são figuras bíblicas, não cosmopolitas. Podemos portanto presumir que o Daniel de Ezequiel também é o autor de nosso livro. (Quanto ao significado do nome, veja observações de Dn. 1:6).

Data e Autoria. Desde o terceiro século da Era Cristã, a data e autoria de Daniel tem sido um campo de batalha entre aqueles que aceitam as reivindicações bíblicas por si mesmas e aqueles que não as aceitam. Até onde sabemos, todo judeu e cristão da antiguidade aceitava o livro como escrito nos períodos babilônico e persa no sexto século, na e perto da cidade de Babilônia, como o livro reivindica. O Novo Testamento, como também diversas obras não bíblicas, aceitam inquestionavelmente a genuinidade do livro. Um filósofo neoplatonista, chamado Porfírio (233-304 d.C.), em controvérsia com os cristãos, viu que o livro se refere à história dos acontecimentos que tiveram lugar entre o século quinto e o começo do século segundo. Especificamente, ele fala do advento dos impérios medo-persa e grego, e especialmente dos detalhes da vida de um certo Antíoco Epifânio, rei da Síria, 175-163 A.C., no seu conflito com o rei do Egito e com os judeus na Palestina. Assim Porfírio, negando que o livro fosse escrito conforme reivindicações, declarou que foi escrito na Palestina por um judeu que viveu no tempo de Antíoco e que aquilo que foi escrito como profecia era, na realidade, história. Ele ainda defendia que o livro era exato como história até Antíoco, mas inexato depois dele. Eusébio de Cesaréia, Apolinário, Metódios e mais notadamente Jerônimo, todos escreveram réplicas a Porfírio (veja *Jerome's Commentary to Daniel*, Prólogo).

Nos tempos modernos o desenvolvimento da incredulidade nos círculos eclesiásticos tem provocado a ressurreição dos argumentos de Porfírio e seus oponentes. Conforme E.B. Pusey escreveu, perto de um século atrás: "A engenhosidade humana nas coisas espirituais e seculares é muito limitada. Seria provavelmente difícil inventar uma nova heresia. Os oponentes de antigamente eram tão ou mais perspicazes quanto os de

hoje; de modo que o terreno está quase exaurido" (*Daniel the Prophet*, pág. iii).

Os motivos básicos por que alguns mestres negam a autenticidade de Daniel é que eles já rejeitaram previamente a possibilidade da profecia preditiva (veja J.E.H. Thomson, *Daniel in Pulpit Commentary*, pág. xliii). Isto, embora geralmente não seja explícito, é por vezes francamente admitido (por exemplo, Robert H. Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament*, pág. 755). Os argumentos apresentados em defesa do ponto de vista negativo são principalmente estes: 1) O autor comete erros históricos crassos. 2) O hebraico e o aramaico de Daniel são de tipos muito posteriores ao século sexto. 3) Diversos termos usados são palavras persas e pegas que um escritor judeu do século sexto não poderia conhecer. 4) A posição do livro na terceira seção (Escrituras ou Hagiografia) do Velho Testamento indica origem tardia, depois de concluído o cânon profético. 5) Não há testemunho externo da existência de Daniel antes do século segundo. 6) As idéias teológicas do livro são demasiadamente avançadas para o sexto século. 7) As histórias são fantásticas, não são fiéis à história e irreais. 8) A literatura apocalíptica da qual Daniel é um exemplo, só apareceu "tardiamente no período helenístico" (Montgomery, ICC, pág. 80).

Os argumentos usados pelos modernos apologistas para sustentarem a autenticidade de Daniel são os seguintes: 1) evidências visíveis do testemunho do livro; 2) sua recepção no cânon, o que dá testemunho do fato dos judeus dos séculos pré-cristãos crerem na sua autenticidade; 3) o testemunho uniforme do Novo Testamento, inclusive a opinião expressa de nosso Senhor; 4) o antigo testemunho externo direto (inclusive Ez. 14:14, 20; 28:3; IMC. 2:59, 60) e diversas passagens em Josefo; 5) evidência da influência de Daniel antes de 165 A.C.; 6) refutação dos argumentos negativos referentes às idéias e história do livro. Estes têm encontrado apoio especialmente forte na arqueologia. A maior parte das objeções históricas têm sido silenciadas por Boufflower, (*In and Around the Book of Daniel*; R.H. Dougherty, *Nabonidus and Belshazzar*). Ob

serve particularmente a admissão bastante prejudicial de Montgomery (ICC, pág. 72, todo o 2º parágrafo).

Estrutura do Livro. Um exame superficial poderia provocar a divisão do livro em duas partes principais, cada uma com seis subdivisões de um capítulo cada: capítulos 1-6, as **Histórias** de Daniel; capítulos 7-12, as **Profecias** de Daniel. Como acontece com tais esboços simples, entretanto, esta divisão em duas partes é mais aparente que real. Os capítulos 10-12, na realidade, constituem uma importante unidade em si mesmas.

A verdadeira base da divisão deveria ser buscada no fato de que a seção 1:1 – 2:4a está no hebraico, a seção 2:4b – 7:28 está no aramaico (siríaco, caldeu) e a seção 8:1 – 12:13 está no hebraico. Este uso estranho de duas línguas, por mais misterioso que seja, foi da intenção divina e significa alguma coisa. Segundo C.A. Auberlen (*The Prophecies of Daniel and the Revelation of St. John*, 1757) e S.P. Tregelles (*Remarks on the Prophetic Visions in the Book of Daniel*, 1864), se considerarmos a mudança de línguas como a chave para a estrutura do pensamento na medida em que exista uma estrutura. Observamos que o Livro de Daniel transmite uma mensagem de julgamento e derrota para o mundo gentio, do qual os principais representantes no tempo do profeta eram Nabucodonosor, Belsazar, Dario e Ciro. A linguagem apropriada nesta porção que se refere aos gentios (2:4b – 7:28) é o aramaico, a língua diplomática e comercial da época. O livro transmite ainda outra mensagem, uma de esperança e livramento para o santo povo de Deus, precioso ainda que oprimido, os hebreus. Para a porção que trata dos hebreus a linguagem é, naturalmente, o hebraico. Com isto não queremos dizer que os hebreus não aparecem nos capítulos 2-7 ou os gentios nos capítulos 8-12. Significa apenas que o ponto de vista básico é que muda.

Todo o livro de Daniel é uma profecia. Do ponto de vista bíblico isto significa que o seu autor era um profeta (Mt. 24:15; cons. Hb. 1:1, 2). Portanto, enquanto a profecia bíblica inclui predição, é mais do que predição. Pode-se relacionar com acontecimentos do passado, do

presente e do futuro. Sempre é apresentada de um ponto de vista moral e espiritual divinamente orientado. Portanto, as porções históricas e exortativas são quase tão proféticas quanto as preditivas.

Com base nisso damos a análise abaixo.

Antecedentes Históricos. Ezequiel e Daniel foram escritos no Exílio, um nome geralmente dado ao período durante o qual os judeus do reino judeu foram desalojados de seu país depois da destruição de seu templo, sua capital e comunidade por Nabucodonosor. Esta destruição foi feita em três estágios: Primeiro, em 605 A.C. Nabucodonosor fez Joaquim se ajoelhar diante dele e levou reféns, entre eles Daniel e seus três, companheiros (Dn. 1:1-6; veja coment, abaixo sobre 1:1). Mais tarde, em 597 A.C., em outra expedição à Palestina, depois de certas atitudes rebeldes da parte dos reis judeus, Joaquim e Jeoaquim, houve necessidade de punição e Nabucodonosor tomou a subjugar Jerusalém. Desta vez ele levou 10.000 prisioneiros, entre os quais o rei Jeoaquim e o jovem profeta Ezequiel (Ez. 1:1-3; cons. II Cr. 36:10; II Rs. 24:8-20). Finalmente, em 587 A.C. , depois de um longo cerco, Nabucodonosor destruiu a cidade e o Templo e destruiu toda a comunidade judia (II Reis 25:1-7; Jr. 34:1-7; 39:1-7; 52:2-11).

A restauração da terra começou em 538 A.C. , quando o vitorioso Ciro, rei do novo império medo-persa e conquistador da Babilônia, de acordo com uma política geral de restauração dos povos desalojados às suas terras, decretou que os judeus podiam retornar (II Cr. 36:22, 23; Esdras 1:1-4). Embora alguns judeus permanecessem no exílio muitos anos depois de dada a permissão para retomar (realmente, uma maioria jamais retornou permanentemente), o Exílio como tal, durante o qual a residência dos exilados em Jerusalém foi proibida, durou apenas cerca de quarenta e oito anos. O Templo, contudo, permaneceu sem restauração até cerca de 515 A. C. (veja Esdras 6:15), mais ou menos setenta anos depois de sua destruição em 587 A.C.. A profecia de Jeremias de "setenta anos", contudo, relaciona-se ao período de servidão a Babilônia (Jr. 25:11) e inclui não apenas Judá mas também seus vizinhos. Esse foi

o período de 605 a 538, "setenta anos" em números redondos (cons. Dn. 9:1, 2, cuja data é 539/538 A.C.).

Muitas mudanças culturais e religiosas foram impostas aos judeus pelo seu exílio. Entre estas estava o surgimento do culto na sinagoga em lugar do culto no Templo, e pelo menos o começo da adoção de uma segunda língua – o aramaico (também chamado siríaco ou caldeu). Muitas evidências levam à conclusão de que a língua de Abraão foi originalmente o aramaico. Observações bíblicas (Dt. 26:5; Gn. 31:47) mostram que a família da qual vieram Abraão, Isaque e Jacó falava o aramaico.

Evidências arqueológicas (por exemplo a Pedra Moabita, as tabuinhas de Ras Shamra) demonstram que os cananitas falavam uma língua quase idêntica ao hebraico. Assim os judeus, anos antes, antes mesmo de se estabelecerem em Canaã, adotaram a língua cananita, a qual, devido à pequena evolução, veio a ser o hebraico.

Na Babilônia eles encontraram o aramaico na língua do comércio. Foi também a língua diplomática durante algum tempo (cons. Is. 36:11, 12). Portanto, provavelmente os judeus aprenderam com facilidade o aramaico, realmente muito parecido com o hebraico (embora não fosse idêntico de modo algum; veja II Rs. 18:26) e foram durante algum tempo bilíngües. Esta circunstância, ao que parece, está por trás do fato de que os seis capítulos de Daniel são em hebraico.

Forma de Literatura. Daniel é o primeiro grande livro do Apocalipse. Embora apocalipse seja simplesmente uma palavra grega significando "descobrimento" ou "revelação" e é portanto com bastante propriedade um nome para todas as Escrituras, especialmente as porções preditivas, os teólogos e os exegetas costumam agora aplicá-la exclusivamente a certos tipos de literatura da qual Daniel é o único exemplo no Velho Testamento e o Apocalipse é o único no Novo Testamento. Há porções apocalípticas em outros livros (por exemplo, Zc. 1:7 – 6:8), mas nenhum outro livro apocalíptico bíblico. Nenhum mestre conservador poderia estruturar uma definição do Apocalipse aceitável ao

temperamento naturalista da maioria dos mestres bíblicos da atualidade. Pois os racionalistas defendem que a atribuição de autoria e datas falsas, como a da literatura apocalíptica judia não bíblica dos dois séculos imediatamente após Cristo, são a essência do apocalíptico.

Aqueles que consideram Daniel e o Apocalipse como autênticos e verdadeiros, defendem a literatura apocalíptica bíblica como uma forma de profecia preditiva. Distingue-se principalmente por: 1) Narrativa das vimes conforme vistas (mais que sintetizadas e resumidas, como na maioria das profecias). 2) Uso de símbolos de maneira predominante como veículo da revelação – interpretados (como no caso do carneiro e do bode de Dn. 8), ou sem interpretação (como a mulher vestida de sol de Ap, 12). 3) Predição do futuro do povo de Deus (Israel ou a Igreja) em relação às nações da terra quando da vinda do Messias. 4) Estilo de prosa e não poético que caracteriza as outras porções proféticas do Velho Testamento.

Interpretação do Apocalipse. O caráter especial do Apocalipse requer o maior esforço do intérprete e sua humilde dependência de Deus. Nenhuma regra de hermenêutica especial para se lidar com a literatura apocalíptica foi produzida até agora. É preciso cuidado especialmente grande para que as regras de interpretação do apocalipse não bíblico não sejam inescrupulosamente passadas para a interpretação do Apocalipse bíblico. Afinal, só as obras inspiradas de Daniel e João são verdadeiros Apocalipses. As outras são falsas; e, por mais úteis que saiam fornecendo dados sobre o Novo Testamento ou por mais que despertem o interesse daqueles que gostam de literatura fantástica, continuam sendo pseudoepigrafia, isto é, obras espúrias. São todas imitações cômicas do verdadeiro Apocalipse, do qual Daniel é o modelo bíblico reluzente.

ESBOÇO

Título: Profecias sobre as Nações do Mundo e o Futuro de Israel no Relacionamento com Elas Dentro do Plano de Deus.

I. A introdução histórica. 1:1 – 2:4a.

II. As nações da terra – seu caráter, relacionamento, sucessão e destino. 2:4b – 7:28.

1. Nabucodonosor sonha com uma grande imagem: A profecia sobre "o tempo dos gentios". 2:1-49.

2. Nabucodonosor testa a fé dos crentes: Uma lição da firmeza na fé. 3:1-30.

3. Nabucodonosor tem a visão da grande árvore: Uma lição de humildade. 4:1-37.

4. A festa de Belsazar: Uma lição sobre o pecado e o seu castigo. 5:1-31.

5. Dario, o medo, no papel de perseguidor religioso: Uma lição sobre fé e oração. 6:1-28.

6. A visão dos quatro animais, do Ancião de Dias, e do Filho do homem: O conflito de Cristo com o Anticristo. 7:1-28.

III. A nação hebraica, seu relacionamento com o domínio gentio e o seu futuro no plano de Deus. 8:1 - 12:13.

1. Um carneiro, um bode e um chifre pequeno: Israel em conflito com o Anticristo do Velho Testamento. 8:1-27.

2. A profecia das setenta semanas: O futuro de Israel no plano de Deus. 9:1-27.

3. Visão final: Israel através dos séculos e na consumação, nas mãos dos inimigos e nas mãos de Deus. 10:1 – 12:13.

COMENTÁRIO

1. A Introdução Histórica. 1:1 - 2:4a.

Nesta seção os personagens principais do livro são apresentados, junto com as circunstâncias que os colocaram nas posições que mais tarde virão a ocupar.

Daniel 1

A. O Cenário da História e do Livro. 1:1-5.

1. No ano terceiro do reinado de Jeoaquim. De acordo com Jr. 25:1, o quarto ano de Jeoaquim foi o primeiro ano de Nabucodonosor. Contudo o caldeu é chamado de "rei da Babilônia" aqui no terceiro ano de Jeoaquim. Isto constitui uma "prolepse" (C.F. Keil, *Biblical Commentary on the Book of Daniel*) ou "antecipação" (Rose, *The Bible Commentary*), por meio da qual um título posterior é aplicado à pessoa ao se falar de um período ainda anterior ao que o título foi realmente conferido. Um pouco depois o pai de Nabucodonosor, o rei da Babilônia, morreu, e Nabucodonosor, apressando-se em voltar para a Babilônia à frente dos exércitos, recebeu o trono (Jos. *Antiquities* x, 11, 1.). **Veio Nabucodonosor.** Veja Introdução, **Antecedentes Históricos.** Se o *ba'* hebraico deveria ser traduzido para "foi" ou "partiu" (isto é, deixou a Babilônia), ou "veio", ou "chegou" é fato incerto. O lugar de onde Daniel falava era a Babilônia; por isso, "foi" é aceitável.

A palavra hebraica é capaz de conter qualquer um desses significados. Até pouco tempo este versículo foi a única informação disponível relativa a esta tomada de Jerusalém, exceto por um pequeno comentário de Josefo. Contudo, II Reis 24:1, como II Crônicas 36:6, 7, talvez se refira ao acontecimento. Na ausência de mais provas tem-se tornado quase axiomático entre os modernos críticos irreverentes negar que tal acontecimento tenha realmente tido lugar, citando o caso como o primeiro "erro crasso histórico" do autor. Em fevereiro de 1956, foram publicados antigos documentos que agora fornecem todo o apoio histórico para a presença de Nabucodonosor em Judá exatamente nessa época (veja JBL, Dez. 1956, Vol. LXXV, Pt. IV, pág. 277).

É desesperador ver que estes novos dados são ignorados por escritores recentes (veja B.W. Anderson, *Understanding the Old Testament*, 1957, pág. 355; N.K. Gottwald, *A Light to the Nations*, 1959, pág. 618; John Bright, *A History of Israel*, 1959, pág. 569). Os crentes, entretanto, não precisam esperar pelas confirmações arqueológicas para aceitarem a palavra de Daniel.

2. Esta é a verdadeira interpretação da história. **O Senhor lhe entregou . . . Jeaquim.** "Para o Senhor nenhum impedimento há de livrar com muitos ou com poucos" (I Sm. 14:6). Como também não há nenhum impedimento para *destruir* com muitos ou com poucos. Mais tarde o governo divino sobre a história torna-se mais enfático (Dn. 4:17). Nabucodonosor era "servo" de Deus (Jr. 25:9). Do mesmo modo, Deus usou ditadores que a si mesmo se exaltaram neste nosso século para castigar terras e povos, e mais tarde os destruiu (cons. Jr. 25:12-14). Como alguém já disse de maneira singular, suas proezas de auto-exaltação nada mais são que "exercícios para mantê-los saudáveis para a execução". **Utensílios da casa de Deus.** Com os pecados da nação provocaram o empobrecimento gradual do magnífico templo de Salomão vê-se em I Rs. 14:25, 26; II Rs. 14:8-14; 16:8; 18:13-16; 24:8-13; Jr. 27:16-22; 52:17-23. Quanto à profanação dos utensílios do templo, veja Dn. 5; e quanto ao seu retorno a Jerusalém, veja Esdras 1:7-11.

3. Chefe dos seus eunucos. Eunuco (heb. *sarîs*), um macho castrado. Por motivos óbvios, os eunucos eram freqüentemente encarregados dos haréns reais. Às vezes a palavra, por metáfora, era usada simplesmente com referência a um oficial. Há uma grande possibilidade de que Daniel e seus amigos tenham sido desvirilizados. Veja novamente a predição sinistra de Isaías (II Rs. 20:18). **Dos filhos de Israel** (heb. *Mib-benê-yis-ra-el*, lit, *tirados dos filhos de Israel*). Esses eram originalmente todos os descendentes de Jacó ou Israel. Mais tarde, **Israel** passou a ser o nome das dez tribos que se separaram e se juntaram a Jeroboão (I Rs. 11:13; cons. 12:19). Mas depois da destruição do "Reino do Norte", o nome Israel voltou ao seu primitivo significado. **Da linhagem real** (lit, semente da reato). Isto se refere à família de Davi (cons. Is. 7:2, 13). Quanto a um exemplo da degeneração espiritual de certos membros da linhagem real mais ou menos nesse período, veja II Rs. 25:25; Jr. 41:1 e segs. **Como dos nobres.** A palavra nobres (Heb, *partemîm*) é um termo persa aparentemente cognata de palavras usadas com referência a pessoas importantes em diversas línguas indo-

européias. Talvez fosse de uso comum na corte. Refere-se a importantes famílias, não à casa de Davi. O sentido dos três termos, **Israel . . . linhagem real . . . nobres**, indica que a seleção tinha de ser feita entre os hebreus, tanto da família real como de outras famílias da nobreza.

4. Jovens sem nenhum defeito. Esta é a primeira de uma série de qualificações estipuladas para a seleção de homens a serem treinados na corte da Babilônia. Jovens. No hebraico, *yeladîm* é uma palavra de significado indefinido, dependendo da idade da pessoa que fala. Em uma narrativa objetiva como esta, a estimativa comum de quatorze ou quinze anos de idade é o que parece certo. Ausência de defeito não elimina a possibilidade de sua castração. Ao serem selecionados, naturalmente não tinham essa mutilação. **De boa aparência.** O rei devia olhar para pessoas e coisas perfeitas e lindas. A mesma combinação de palavras se usou em relação à beleza de Raquel (Gn. 24:16; 26:7), Bate-Seba (II Sm. 11:3), da Rainha Vasti (Ester 1:11) e de Ester (Ester 2:2, 3,7). **Instruídos em toda a sabedoria, doutos em ciência, e versados no conhecimento.** Essas três expressões cumulativas enfatizam a capacidade natural e a instrução prévia. A redundância da expressão hebraica é para dar ênfase e não para estabelecer distinções. Referia-se mais ao que os jovens já eram e não ao que iriam se tornar. Geralmente, a capacidade intelectual se revela em pessoas que não eram muito brilhantes na infância. **Que fossem competentes para assistirem no palácio do rei.** Talentos naturais e adquiridos que capacitassem esses homens a servirem um rei esplêndido em um edifício magnífico é o que se quis dizer. Os rapazes deviam ser humildes mas não tímidos, nem obtusos.

E lhes ensinasse a cultura e a língua dos caldeus. O aprendizado (Heb. livro) dos conhecimentos dos caldeus refere-se à literatura do povo da Mesopotâmia inferior. Desde que as descobertas arqueológicas do século passado trouxeram à luz e forneceram a chave para a tradução desta literatura, sabemos como era vasto o conhecimento dos caldeus. Recentes descobertas nas regiões mais próximas do Egeu Oriental demonstraram que um grande acúmulo de intercâmbio cultural

aconteceu entre as duas áreas. E os vizinhos filisteus de Israel eram, ao que parece, de origem grega. Com eles, prova o Livro de Juízes, houve intercâmbio cultural. (Veja G. Bonfante, "Quem Eram os Filisteus?" *American Journal of Archaeology*, 1, 2, abril/junho, 1946, págs. 251.262.) **A língua dos caldeus** deve-se referir ao acadiano (babilônio, assírio), a língua da época. **Caldeus** aqui foi aparentemente usado em um sentido mais extenso, para designar os habitantes da região da Caldéia, que no seu significado mais amplo incluía toda a Babilônia. As diversas línguas da região, incluindo a muito antiga língua ritual, eram escritas sobre o barro com caracteres cuneiformes. Era um sistema ideográfico e silábico, muito diferente da escrita alfabética dos papiros feita com tinta e pena a que o povo da Palestina e Síria estava acostumado. Os fundamentos da astronomia, a matemática, as leis e uma dúzia de outras disciplinas eram registradas nessa antiga escrita cuneiforme, ao lado de uma grande quantidade de falsidades mágicas. Se tudo isso tinha de ser ensinado a esses jovens, então três anos (com. v. 5) não era demais para a sua educação.

5. A ração diária, das finas iguarias da mesa real, e do vinho que ele bebia. Nem *guloseimas* (ASV) nem *alimentos nutritivos* (RSV) substitui bem as **finas iguarias**. A palavra assim traduzida (*patbag*) é uma palavra emprestada do antigo persa pelo hebraico, significando "apropriação" ou "concessão" (Montgomery, ICC, págs. 122-124). Refere-se ao fato desses jovens serem sustentados pelo governo, partilhando da "ménage" dos outros oficiais do rei. Não há nem sequer a mais leve indicação no texto hebraico de que havia algo física ou moralmente prejudicial na comida ou na bebida. O vinho era comum à dieta dos judeus (veja Sl. 104:15; Is. 55:1; Ne. 5:18, onde a mesma palavra *yayin* foi usada). Muitas insinuações contra o uso excessivo do vinho aparecem, contudo, no V.T. (Pv. 20:1; 23: 20,30, 31); e certas ordens religiosas estavam proibidas do uso do vinho (Nm. 6:1-20; Jz. 13:1-7; Jr. 35:1-14). Os sacerdotes estavam proibidos de usarem vinho

imediatamente antes de servirem no Templo (Lv. 10:1-9), e os reis eram desencorajados a beberem vinho (Pv. 31:4, 5).

B. A Identidade do Personagem Principal da História e Seus Companheiros. 1:5-7.

Daniel, apresentado pelo nome, é alguém que através de todo o livro, além de fazer a narrativa, é também o personagem da maior parte dela em diversas circunstâncias: intérprete de sonhos (caps. 2; 4; 5), amigo dos sofredores (cap. 3), receptor de visões e sonhos reveladores de Deus (caps. 6-12). Em diversos incidentes três amigos judeus associam-se a ele. Aqui todos são apresentados por nome. A mudança dos nomes dos jovens é muito significativa. Sua educação dentro da história da mais desenvolvida cultura pagã que já tinha existido devia se completar com a substituição dos nomes honrando as vis divindades da Babilônia em lugar daqueles que honravam o Santo de Israel. Eles deviam ser afastados da antiga religião e cultura e totalmente transformados, até na *identidade*, em Babilônios. Pois entre os antigos o nome de um homem era ainda mais parte de sua identidade e caráter que entre os homens da atualidade.

7. Outros nomes, a saber: a Daniel o de Beltessazar. Daniel significa em hebraico príncipe (ou juiz) de Deus, enquanto que o novo nome **Beltessazar**, na língua da Babilônia, significa *príncipe de Bel*. Este nome Beltessazar (uma variante do nome do Rei Belsazar, cap. 5), homenageia Uma das principais divindades da Babilônia (veja Is. 46:1; Jr. 50:2; 51: 44). Hananias significa *misericórdia de Jeová* (sendo uma variação do original do nome do apóstolo amado, João), enquanto que **Sadraque** possivelmente significa "ordem de Aku", o deus da lua (HDB) uma forma mais ou menos disfarçada d *Marduque* (Montgomery, ICC, pág. 123), um dos principais deuses da Babilônia. Misael Com muita certeza significa Quem é como Deus? enquanto que **Mesaque** (de acordo com Fred. Delitzch, uma competente autoridade) significa *Quem é como Aku?* Lamentavelmente não podemos ter certeza porque o nome

não aparece em nenhum outro lugar e sua origem é incerta. **Azarias** significa *A quem Jeová ajuda*, ou *Jeová ajudará*, enquanto que **Abed-Nego** muito provavelmente significa *Servo de Nebo*.

"Um costume . . . , de impor novos nomes quando as pessoas passavam para novas condições de vida ou adquiriam novos relacionamentos", destaca Moses Stuart, "é muito comum no V.T. : veja **Abrão e Abraão**, Gn. 17:5; **José e Zafenate-Panéia**, Gn. 41:45; comp. II Sm. 12:24, 25; II Rs. 23:34; 24:17; também Ester 2:7; Esdras 5:14 comp. com Ageu 1:14; 2:2, 21. Do mesmo modo no N.T., Mc. 3:16, 17. Esses nomes, assim impostos, geralmente designavam alguma coisa para honra dá pessoa que os recebia, ou uma homenagem ao deus adorado por quem os impôs, ou para comemorar algum acontecimento interessante, etc." (*A Commentary on the Book of Daniel*, pág. 9). Um comentário mais extenso sobre esses nomes poderá ser encontrado nas enciclopédias e dicionários bíblicos, como também nos léxicos hebraicos.

C. Acontecimentos Destacando o Autor. 1:8 – 2:4a.

Uma crise de Justiça. Isto foi descrito acima no versículo 5. OS versículos 6 e 7 intervêm para identificar Daniel e os seus amigos.

8a. Uma Decisão pela Justiça. Resolveu Daniel firmemente. Inteligência inata e comportamento nobre eram complementados neste homem por uma firme lealdade aos princípios. **Não contaminar-se.** A contaminação (v. 5) nada tinha a ver com qualquer elemento prejudicial que houvesse no alimento ou na bebida. Era antes por ser "do rei". A palavra traduzida por contaminar-se (*ga'al*, uma palavra heb. antiga) pode significar contaminação física (Is. 63:3, "mancha"), contaminação moral (Sf. 3:1), ou, mais freqüentemente, contaminação cerimonial (por exemplo, Esdras 2:62; cons. Ne. 7:64). Quanto à relação entre o alimento e a bebida com a contaminação cerimonial, veja Mt. 15:11. Embora recomende moderação, a Bíblia em lugar nenhum ordena abstinência de qualquer alimento ou bebida com base moral; o problema era cerimonial ou religioso. A religião afetava toda a vida dos antigos, como ainda nos

povos primitivos da atualidade – e como deveria para todos os homens. Até mesmo o comer e o beber tinha um ritual e significado místico. O matar de um animal era um ato religioso que deveria ser executado com solenidades próprias. A carne da mesa do rei era sem dúvida morta de acordo com o ritual pagão e oferecida a um deus. Os judeus estavam proibidos de comer carne sacrificada a um deus pagão (veja Êx. 34:15), pois era "servir a outros deuses" aos olhos públicos. Os judeus sempre enfrentaram este problema ao comer fora de sua terra (Oséias 9:3, 4; Ez. 4:13, 14). Uma situação semelhante prevalecia quanto ao vinho. Outro problema era que os procedimentos levíticos não eram considerados, isto é, a comida e a bebida do rei não eram "Kosher" (veja Lv. 3:17; 6:26; 17:10-14; 19:26).

8b-14. *Um Procedimento de acordo com a Justiça.*

8b. Então pediu, etc. Em caso de necessidade, as leis cerimoniais podiam ser postas de lado (Mt. 12:3-5; I Sm. 21:6; Nm. 28:8, 9). Foi porque Daniel tinha o discernimento de perceber o propósito real nestas coisas de afastá-lo de sua santa fé, que ele então resolveu não se submeter sem lutar. Ele "simplesmente determinou ... através do alimento manter viva a lembrança de sua pátria. Ele queria viver na Caldéia como um exilado e cativo, mas como procedente da sagrada família de Abraão" (Calvino, *Commentaries on the Book of Daniel the Prophet*, in loco.) A palavra **pediu** (*biqesh*, "buscou") não se pode usar com referência a uma solicitação desprovida de energia. Sendo um *piel* (ou intensivo ativo) na forma, sempre é uma palavra incisiva (usada em II Sm. 2:17; 12:16).

9. Ora Deus concedeu. A A.V. dá a impressão de que Daniel já tinha previamente obtido o favor do chefe eunuco. O sentido hebraico é mais naturalmente traduzido como consecutivo, isto é, Daniel fez o pedido e conseqüentemente Deus lhe concedeu o favor do chefe dos eunucos. Observe que bons motivos e sentimentos admiráveis não se encontram ausentes dos corações pagãos (cons. Js. 2:1 e segs.; contraste

com Pv. 12:10; veja Gl. 5:22). Deus chama os defensores para o Seu povo de maneiras estranhas.

10. Faz lembrar o copeiro e o parteiro, amigos de José (Gn. 40). Parece que, embora o eunuco chefe desejasse ajudar Daniel, não via possibilidades disso (veja Tiago 2:14-18).

11. Daniel, Hananias, Misael e Azarias. Orientado só pelo ponto de vista do Espírito santo, o autor não condescende em reconhecer os novos nomes homenageando deuses pagãos da Babilônia conferidos por um burocrata pagão oportunista, mas prefere usar os nomes que honram a Deus e lhes foram conferidos por piedosas mães judias.

12. Experimenta, peço-te, os teus servos dez dias. A palavra **experimenta** (*nasâ*) é uma forma intensiva (*piel*) e junto com o coortativo *na'* expressa forte pedido. Para Daniel e seus amigos, como também para o camareiro, o limite de dez dias era um teste da vontade de Deus. Se a experiência fracassasse, os jovens hebreus estavam preparados para vencer seus próprios escrúpulos cerimoniais, conforme veremos no próximo versículo. Não há evidência de que Daniel soubesse o resultado final. Nenhuma presunção estava envolvida, como supõe Young (Edward J. Young, *The Prophecy of Daniel*, in loco), pois as Escrituras nos fornecem um bom número de exemplos aprovados de tais testes. **Dez dias.** Um número redondo favorito (1:20; cons. Amós 5:3; Zc. 8:23). **Legumes a comer** (lit., do *zero'im* e nós comeremos). Embora usado apenas aqui e em 1:16 em toda a Bíblia, e em nenhuma outra obra literária conhecida, a palavra aparentemente significa vegetais, pois origina-se de uma palavra que significa "semear" (semente). Portanto **legumes** eram coisas que cresciam de sementes plantadas no solo. Nenhum ritual religioso de dedicação a algum deus estava diretamente envolvido no preparo de vegetais, como acontecia com a carne; e os vegetais não eram usados no ritual pagão como as libações com o vinho. Esta passagem não constitui uma aprovação do vegetarianismo (veja Rm. 14:1-4).

14. Ele atendeu o pedido. O hebraico indica que ele deu consideração atenta ao pedido de Daniel.

15, 16. Recompensa da Justiça. A prova teve sucesso e assim Daniel e seus amigos foram poupados do embaraço e tensão emocional que a ofensa aos seus próprios padrões teriam lhes causado.

17. A estes quatro jovens. Antes, aos moços, aos quatro. Isto enfatiza que todos os quatro recebiam cedas coisas, enquanto que Daniel tinha ainda dons naturais especiais. **Deus deu.** Todos os talentos e dons naturais ou adquiridos, vêm dEle e devem ser usados para Ele. **Conhecimento.** O hebraico *madda'*, uma palavra rara e antiga. Embora relacionada com o comuníssimo verbo "conhecer", prece significar "pensamento", no sentido de um processo racional secreto, como o seu uso em Ec. 10:12 claramente indica. Talvez "mente em boas condições" ou "bom senso" transmitem a idéia. **Inteligência.** De *haskel* (um *hiph.* inf. abs.), aparentemente significando "visão interior" ou "compreensão". **Cultura.** O *seper* hebraico geralmente com o significado de "livro", mas aqui, como em 1:4, designando o mundo das letras, a literatura. **E sabedoria.** O hebraico *hakmâ*. Embora geralmente designando o proverbial conhecimento do antigo Oriente Próximo, tem o significado mais amplo de qualquer "corpo de princípios inteligentemente arrumado", ou, como diríamos agora, "ciência" (S.R. Driver, Daniel, em *Cambridge Bible for Schools and Colleges*). Observe que a palavra "toda" qualifica esta **sabedoria**, mostrando que era mais que o conhecimento supersticioso dos sacerdotes pagãos que se pretendia mencionar.

Pesquisadores têm demonstrado que além da astronomia (um acessório aos cultos pagãos), também a arquitetura, a lingüística, a agricultura, a meteorologia, a agronomia e muitas outras ciências já estavam em desenvolvimento na terra dos dois rios. **A Daniel deu inteligência de todas as visões e sonhos**, ou melhor, em todo tipo de visão e em sonhos. Isto apenas aponta, antecipando-se à narrativa que vem a seguir, O destaque de Daniel como agente da revelação divina.

19. Então o rei falou com eles; e entre todos . . . Todo o grupo, incluindo muitos além dos quatro moços especiais, participaram dos três anos de educação e todos foram apresentados a Nabucodonosor. A pergunta se faz insistente: o que aconteceu aos outros jovens judeus educados na verdadeira religião? É óbvio que foram por água abaixo no compromisso com a apostasia. Nenhum **como Daniel . . . por isso passaram a assistir diante do rei.** "O rei, através de um exame pessoal, escolheu exatamente aqueles indivíduos que a Providência premiara com dons especiais que os colocaram em situação superior aos outros jovens" (Stuart, *Commentary*).

20. Dez vezes mais doutos do que todos os magos. "Provavelmente. . . , homens conhecedores do ocultismo em geral" (Driver). A obscura palavra *hartummim*, também usada em 2:2, 10, 27; 4:7, 9; 5:11, pensa-se ser, segundo autoridades, de origem egípcia. Fora do livro de Daniel só é usado com referência aos "mágicos" egípcios (Gn. 41:8, 24; Êx. 7:11, 22; 8:7, 18, 19; 9:11). Há quem sugira que a palavra, aparentemente derivada de *heret*, "um estilete", poderia ser traduzida para *escribas*, isto é, os escribas dos antigos textos de rituais religiosos na língua arcaica dos antigos habitantes da Babilônia, uma língua desconhecida para o povo em geral no período de Daniel. **E encantadores.** No hebraico não há a conjunção e, portanto **encantadores** foi usado como aposto. É uma palavra babilônia, encontrada em ambas as porções hebraicas e aramaica de Daniel, mas em nenhuma outra porção das Escrituras. Fica melhor traduzir assim (ou *enfeitadores*) do que *astrólogos*. Aquelas palavras indicam que falsidades supersticiosas viciavam o conhecimento da verdade científica na Babilônia.

21. Até ao primeiro ano do rei Ciro. Uma contradição de 10:1 freqüentemente imaginada. É mais provável que considerando-se que a época em que o cativeiro foi oficialmente eliminado coincidiu com o primeiro ano de Ciro (Esdras 1:1 e segs.), o versículo esteja apontando para o notável fato de que o jovem Daniel, que se encontrava no

primeiro destacamento de judeus que foram levados cativos de Jerusalém para Babilônia (605 A.C), atravessou vivo o longo e melancólico período do cativeiro para ver o primeiro destacamento de exilados retornando. Esta é a explicação mais natural para o versículo.

Daniel 2

Em *linguagem e significado primário*, Dn. 2:1-4a, que vem a seguir, pertence ao capítulo 1; pois esses versículos fazem parte da introdução do livro. Aqui o leitor é informado da situação precisa que levou Daniel a ocupar lugar de destaque na Babilônia. Esses versículos também servem de prólogo para a dramática narrativa profética do capítulo 2. São, portanto, examinados neste relacionamento dentro do Comentário.

Um as poucas observações sobre o significado prático da capítulo 1 não deveria ser omitidas. Para a instrução de uma centena de gerações, esta história apresenta os *elementos do heroísmo moral*. 1) *Discernimento*. Os quatro jovens perceberam com exatidão o que havia de errado em se comer o alimento prescrito. Onde o aprenderam? De pais piedosos (Dt. 6:4-9). 2) *Resistência ao mal*. A distância de uma observação crítica não enfraquece o fato (veja (Mt. 10:26-28; Tiago 4:7). Esta resistência ao mal também se desenvolveu muito cedo em seus lares piedosos. As crianças não resistem ao mal naturalmente; antes elas o aceitam de braços abertos. Elas devem ser ensinadas a odiarem o mal (veja Hb. 12:9-13; Pv. 3:11, 12; 13:24; cons. os filhos de Eli, I Sm. 2:12-30). 3) *Poder para tornar conhecida a discordância*. A juventude é uma idade de adaptação. Portanto este incidente dá forte evidência de graça especial nas vidas desses quatro. 4) *Coragem física*. O chefe dos eunucos estava certo. Tanto a sua cabeça como a deles estaria em jogo (cons. Dn. 2:5, a cova dos leões, a fomalha). 5) *Perseverança*. Quando não houve nenhuma ajuda da parte do eunuco, Daniel tentou o camareiro. 6) *Determinação*. Seu propósito estava no seu coração, o centro do seu ser. Não era um propósito frívolo. 7) *Brandura*. Sem nenhuma encenação de heroísmo,

Daniel respeitosamente "pediu" ou "implorou" a seus superiores. 8) Bom senso. A prova sugerida era razoável e exequível. (Veja também Ez. 28:3; Pv. 2:23 no contexto).

II. As Nações da Terra - Seu Caráter, Relações e Destino. 2:4b - 7:28.

A. Nabucodonosor Sonha com uma Grande Imagem: Uma Profecia sobre os Tempos dos Gentios. 2:1-49.

(Para se incluir 2:1-4a aqui, veja observação sobre 1:21).

Nesta parte conta-se que Nabucodonosor teve um sonho terrível (v. 1), que foi usado para experimentar a capacidade e disposição de seus conselheiros ocultos (vs. 2-6). O fracasso do principal grupo de "sábios" em reproduzir e interpretar o sonho põe em perigo as vidas de todos os sábios, inclusive os quatro hebreus (vs. 7-12). Mas Daniel, sustentado por intercessões suas e de seus amigos, reproduz o sonho (vs. 13-23). Ele conta o sonho a Nabucodonosor (vs. 24-35) e fornece uma interpretação divina (vs. 36-45). Como recompensa Daniel é feito "governador" sobre a província da Babilônia, no que ele garante promoções para os seus três companheiros (vs. 46-49). A interpretação do sonho fornece ao leitor um esboço da sucessão dos reinos mundiais desde o tempo de Nabucodonosor até a filial instauração visível do reino de Cristo na Sua segunda vinda. (Com relação aos diversos pontos de vista sobre este capítulo, veja observação no final do capítulo.)

1) O Terrível Sonho de Nabucodonosor. 2:1.

1. No segundo ano do reinado de Nabucodonosor. Uma aparente contradição com os dados do capítulo 1. Nabucodonosor é chamado "rei" quando da tomada de Jerusalém (1:1). Contudo, depois de pelo menos três anos (1:5, 18), quando Daniel é chamado à presença de Nabucodonosor neste capítulo, o rei está no segundo ano do seu reinado.

Qualquer uma das diversas explicações possíveis está à nossa disposição. Nenhuma delas é certamente correta, embora diversas expliquem os fatos. Naturalmente um escritor verdadeiramente famoso como o autor do livro de Daniel não poderia ter incorrido em crassa discrepância. Seus primeiros leitores o entenderam. Há, naturalmente, a possibilidade da corrupção textual, freqüente em se tratando de números no V.T. (Montgomery, ICC, apresenta diversas sugestões). Alguns sugerem um diferente começo da época mencionada em 1:1: seu reinado sobre todo o império, ou após saquear o Egito, etc.

Mestres mais atuais aceitam a aparente discrepância como uma simples questão de diferença entre os métodos hebraico e babilônio de contar os anos do reinado. Entre as sugestões deste tipo, o ponto de vista de Driver (apoiado por Young) é bom: "Não há, talvez, necessariamente uma contradição aqui com os 'três anos' de 1, 5, 18. Segundo o costume hebraico, frações de tempo eram reconhecidas como unidades integrais. Assina, dá-se que Samaria, cercada desde o quarto até o sexto ano de Ezequias, foi tomada no fim de três anos (II Rs. 18:9, 10) e em Jr. 34:14, 'no fim do sétimo ano' significa evidentemente que o sétimo ano tinha chegado (veja também Mc. 8:31, etc.). Se, entretanto, o autor, seguindo um costume que era certamente às vezes adotado pelos escritores judeus e que era generalizado na Assíria e Babilônia, 'atrasou' os anos do reinado de um rei, isto é, contou como seu primeiro ano, não o ano de sua ascensão, mas o primeiro ano completo de reinado, e se depois Nabucodonosor deu ordens para a educação dos jovens no ano de sua ascensão, o fim dos 'três anos' . . . poderia ser reconhecido como caindo dentro do seu segundo ano do seu reinado" (Driver, *Daniel*, CBSC, pág. 17). Como acontece com a maioria das dificuldades deste tipo, a questão quase sempre pode ser resolvida quando se esclarece o ponto de vista e a maneira de usar as palavras do autor.

Teve este sonho; o seu espírito se perturbou, e passou-se-lhe o sono. Nabucodonosor não era um neurótico trêmulo facilmente assustável como uma criança por meio de vagas impressões. Este

versículo é apenas o primeiro de um grupo de evidências de que a E.R.C. não está correta ao sugerir que Nabucodonosor tenha esquecido o sonho (v. 5). Ele estava assustado exatamente porque não se esquecera dele.

2) A Prova por Meio do Senhor. 2:2-6.

2. Os magos, os encantadores, os feiticeiros e os caldeus. Sobre os magos e encantadores, veja observações em 1:20. **Feiticeiros.** No hebraico, *mekashshepîm*. Possivelmente de uma raiz semita significando "cortar"; daí, picar os elementos para poções mágicas e fórmulas. Conseqüentemente o grego *pharmakoi*, isto é, farmacêutico. Mestres modernos preferem uma idéia complementar de "recitadores de ditos mágicos, feiticeiros". A mesma raiz aparece no acadiano em relação a feiticeiros e feiticeiras. A prática da feitiçaria é proibida pelo V.T. (Êx. 22:18, na Bíblia Hebraica, v. 17, feitiçaria, no feminino; Dt. 18:10; Is. 47:9). **Caldeus.** Não usado no amplo sentido etnológico de 1:4, mas no estreito sentido profissional, indicando a classe sacerdotal da religião babilônica. Embora seja usado neste sentido apenas em Daniel, dentro dos livros bíblicos, era comumente usado assim pelos escritores clássicos, dos quais o mais antigo é Heródoto (Histories 1, 181, c. 440 A.C.; veja Driver, *op. cit.*, págs. 12-16 e Young, *op. cit.*, págs. 271-273). A maioria das autoridades concorda que os quatro termos não foram usados indicativamente mas antes distributivamente para incluir todas as categorias de conselheiros reais.

4. **Caldeus.** Aqui, todas as categorias de sábios. Em aramaico. A linguagem do povo semita concentrado naqueles dias principalmente na Mesopotâmia Superior e na Síria. São os sinos do V.T. A idéia não é que os caldeus falassem o aramaico mas que, a partir daqui, o trecho de Daniel está em aramaico. Compare a frase "em aramaico" com Esd. 4:7.

5. **Uma cousa é certa: se não me fizerdes saber,** etc. **Certa.** Uma rara palavra de origem persa, agora de modo geral reconhecida ser um adjetivo e não um verbo, significando "certo". **Coisa.** Antes, *palavra*.

"Palavras" (v. 9) é uma tradução da mesma palavra. Portanto, traduza-se: *a palavra é certa, se não me, etc.*

O rei não se esquecera do sonho, mas antes, justamente por se lembrar dele, achava que os seus sábios, se fossem capazes de prever o futuro por meio da interpretação dos sonhos, deviam ser capazes de realizar a tarefa bem menor de reconstruir o passado, isto é, o sonho particular do rei. Esta interpretação da passagem encontra apoio não só no temor do rei (cons. comentários sobre o v. 1) e na tradução revista de 2:5, mas também no fato de que os sábios não elaboraram alguma coisa que passasse por ser o "sonho" do rei quando viram suas vidas ameaçadas. Teria valido a pena! Tudo indica que eles sabiam que o rei se lembrava do seu sonho e por isso não tentaram nada (veja também v. 8 abaixo).

3) O Fracasso dos Sábios. 2:7-12.

8. Quereis ganhar tempo. Não que eles estivessem simplesmente adiando o momento fatal de sua execução (Driver, *et al.*), ou tentando ganhar tempo para inventar uma saída (H.C. Leupold, *Exposition of Daniel*, et al.); mas antes, no sentido primitivo de '*idana*', "tempo", a referência é a um tempo específico (cons. BDB). A interpretação dos sonhos era relacionada com a posição dos astros. Quando aquele arranjo particular do Zodíaco que afetara o sonho se passasse, eles se defenderiam dizendo que a interpretação era impossível. (Thomson, *Pulpit Commentary*, et al.).

10. A queixa de que o rei estava sendo injusto na sua exigência parece justa. Mas quando nos lembramos do gigantesco logro em que consistia todo o abracadabra da antiga astrologia, da adivinhação, seus vaticínios, etc, o decreto do rei, embora excessivamente severo, pois incluía também as "casas" (famílias? v. 5), não era injusto no que diz respeito aos "sábios" propriamente ditos. Eles reivindicavam ter poderes ocultos e não passavam de fraudes, dando lugar a uma boa porção de

trapaça. Deus responsabiliza os homens pela ignorância obstinada (cons. Rm. 1:28).

11. Os deuses . . . , não moram com os homens. A vírgula depois de deuses torna a cláusula seguinte não restritiva, aplicável a todos os deuses. Se a vírgula for omitida, a cláusula será lida como se fosse restritiva, isto é, aplicando-se apenas a certa classe de deuses. Talvez seja melhor omitir a vírgula e entender que os sábios reivindicavam ter comunicação em sua "carne" com certos deuses do panteão, mas não com os maiores (Marduque), que eram capazes de controlar ou revelar o futuro.

13. O fato de Daniel e seus companheiros serem afetados pelo decreto destrutivo indica que eles estavam incluídos como conselheiros oficiais. Seria por causa do orgulho caldeu que os hebreus não foram consultados antes? Ou, será que supunham que os jovens exilados não tivessem nenhum conhecimento que não fosse comum aos seus companheiros de profissão mais antigos?

4) Sucesso Milagroso Através da Intercessão de Daniel e Seus amigos. 2:13-23.

Daqui em diante a sabedoria e piedade de Daniel são destacadas. A mesma força de caráter demonstrada no capítulo 1 foi elevada um pouco mais, O valor da oração importuna e conjunta diante de perigo pessoal iminente é aprovado e exemplificado. A oração de ação de graças de Daniel (2:20-23) é um modelo eterno ao lado de outras orações modelos deste livro (veja também 9:3-19; cons. 6:9-11; 10:2-12).

5) O Sonho Divinamente Reconstruído. 2:24-35.

25. Achei um (homem). Parece que Arioque era outro burocrata oportunista que estava desejoso de receber o crédito pelo bem que ele não tinha criado.

28. O que há de ser nos últimos dias. Este é o alcance da profecia a ser revelada pelo sonho e sua interpretação. É um erro restringi-la ao

período do fim. Uma frase dentro da literatura profética geral, refere-se ao futuro desenvolvendo-se e consumado na era messiânica. Veja Is. 2:2; Mq. 4:1; Gn. 49:1 e segs. (no contexto) e Jr. 48:47. Incluindo os dois adventos de Cristo, além do período compreendido entre eles, envolve a presente dispensação. O estudante que investiga ficará satisfeito a esta altura se comparar At. 2:17 com Joel 2:28 e João 5:18 com Hb. 1:1, 2.

29. O que há de ser depois disto (lit.). **Depois disto** ('*ahe'rê denâ*) não se refere à vida após a morte, nem ao futuro de maneira geral. Mas, antes, como a expressão grega equivalente, *meta tauta* ou *meta touto* (Ap. 4:1; 7:1), refere-se ao futuro que virá após algum item anteriormente mencionado no contexto. Aqui esse item parece ser o pensamento do rei sobre seu próprio reino e futuro. Portanto, sob um certo aspecto, o significado do sonho limita-se ao que o rei poderia entender. As "coisas" que viriam "depois disto" é o domínio mundial em seu aspecto político. Deveríamos esperar aqui, neste capítulo, a verdade sob um aspecto político externo, pois Deus está revelando a verdade em um nível ao alcance do entendimento de um rei pagão ("fez saber a . . . Nabucodonosor", Dn. 2:28; ". . . te revelou", v. 29; "para que entendesses as cogitasses da tua mente", v. 30). Qualquer espiritualização da mensagem na direção da igreja neotestamentária ou do "Israel espiritual" está inteiramente fora de lugar.

A descrição do sonho e a narrativa das ações envolvidas são tratadas no comentário junto com a interpretação do sonho que se segue.

6) A Interpretação Divina do Senhor. 2:36-45.

O sonho fora de uma imagem impressionante, reluzente, aterrorizante, na forma de um homem.

a) A Cabeça de Ouro (vs. 36-38 ; cons. v. 32).

37. Rei dos reis. Um título geralmente aplicado aos imperadores medo-persas e babilônios, encontrado não só nos clássicos gregos mas também nos registros de países envolvidos e nas Escrituras (Ez. 26:7;

Esdras 7:12), garante que a maior parte da literatura envolvida é posterior ao sexto século.

38. Onde quer que eles (*os filhos dos homens*) habitem . . . para que dominasses sobre todos eles. O poder de Nabucodonosor é devido à providência divina (cons. Jr. 25:9; 27:5, 6; 28:14; Dn. 12:1). A expressão pode ser hiperbólica, pois Nabucodonosor não foi um governante universal. É possível, entretanto, que a referência seja a uma concessão divina universal, que Nabucodonosor jamais chegou a tomar posse. **Tu és a cabeça de ouro.** Veja Is. 14:4.

b) O Peito e os Braços de Prata (v. 39a; cons. v. 32).

39a. Depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu. O peito e os braços de prata representam o reino conhecido na história e nas Escrituras como o reino dos "medos e persas" (veja Dn. 5:28, 31; cons. 6:8). Substituiu a Babilônia em 539 A.C. (cons. cap. 5). A dualidade do reino está obviamente representada pela dualidade do peito e braços.

c) O Ventre e os Quadris de Bronze. (v. 39b; cons. v. 32).

39b. E um terceiro reino, de bronze, o qual terá domínio sobre toda a terra. A história e as Escrituras concordam que este foi o império grego (macedônio) de Alexandre e seus sucessores. Esta interpretação fica estabelecida por Dn. 8:20, 21. Este reino substituiu o dos medos e dos persas quando Alexandre, em uma série de avanços, começando em 334 A.C. , venceu os medos e os persas.

d) O Quarto Reino de Ferro (vs. 40-43; cons. v. 33).

Embora dividido em pernas de ferro e pés e artelhos de ferro misturado com barro, era um reino. É a forma de domínio mundial, conhecido na Bíblia e na história por Roma, e que, através de progressiva ocidentalização da humanidade, parece prevalecer até o dia de hoje. Em Lucas 2:1 está mencionado historicamente (cronologicamente) em primeiro lugar.

40. Forte como ferro. De todos os quatro metais este é o mais forte. Considerado no contexto do seu próprio tempo, nenhum dos três reinos anteriores foi tão forte quanto Roma. E até o presente momento o governo tende cada vez mais a exercer o controle sobre todas as áreas das atividades humanas. Isto é uma circunstância concomitante necessária à progressiva industrialização da sociedade. **Ele fará em pedaços.** Roma fragmentou e reconstruiu – socialmente, culturalmente e politicamente – todos os povos, instituições, etc., que venceu. A única exceção notável foi o Cristianismo propriamente dito como movimento espiritual (embora verdadeiramente romanizado na perversão da Igreja Romana). **Esmiuçará.** "O império dos romanos encheu o mundo, e quando o império caiu nas mãos de uma só pessoa, o mundo veio a ser uma prisão segura e terrível para os seus inimigos. Resistir era fatal e era impossível fugir" (Gibbon). Alguns vêm nas duas pernas uma profecia da divisão do império em dois impérios, com capitais em Roma e Constantinopla.

41. Será . . . um reino dividido. A palavra *pelî-ga*, embora cognata de um verbo hebraico comum que significa "dividir", aparece só aqui no V.T. A sugestão de Young, de acordo com Buxtorf, de que deve ser traduzida para "composto" é boa, e parece consistente com o significado da prevalecente raiz semita.

42, 43. Em seu estágio final, este reino ficará quebradiço e será facilmente destrutível. Isto devido à mistura (em símbolo) do barro com o ferro. **Misturar-se-ão.** Esta cláusula, um simples particípio reflexivo no aramaico, significa aparentemente o barro e o ferro (como sugere a concordância gramática). Eu aceito que isto signifique que "a semente do homem", isto é, a humanidade generalizada, intrometer-se-á no governo *en masse*. O governo romano veio a se transformar no governo da massa popular. Se aqui se prediz a história moderna, a sugestão da ditadura do homem comum, no socialismo, também é um pensamento aceitável.

e) O Reino Messiânico da Pedra (vs. 44, 45; cons. 34, 35).

Intérpretes de todas as escolas – reverentes cristãos, judeus e incrédulos racionalistas – concordam que isto se refere ao reino messiânico. O significado gramatical dos versículos não é obscuro. Discordância quanto à interpretação está enraizada nos diversos pontos de vista com os quais os leitores examinam a passagem. Deve-se tomar conhecimento aqui dos dois pontos de vista principais defendidos pelos cristãos evangélicos. Aqueles que identificam o reino do Messias totalmente com a Igreja (principalmente os pós-milenistas e amilenistas) vêem o cumprimento desta profecia no primeiro advento de Cristo. Aqueles que, embora reconhecendo na Igreja um aspecto do reino de Cristo (Cl. 1:13; João 3:3; Atos 1:3; 20:25; I Pedro 2:9), esperam que ele seja finalmente manifesto sobre a terra somente por ocasião do Segundo Advento (quiliastas, pré-milenistas), vêem o cumprimento nos dois adventos. Eles chamam a atenção para o fato de que a profecia é de domínio político externo conforme revelado à mente de um rei pagão (cons. Dn. 2:29, 30 e comentários), e assim liga a profecia ao Segundo Advento e ao estabelecimento de um "milênio" (cons. Ap. 20).

Os motivos principais apresentados para apoiar este ponto de vista são os seguintes: 1) A profecia se refere à sorte política de importantes impérios da história. O quinto reino (messiânico) desta série aparentemente não difere neste aspecto dos outros. Contudo a Igreja (a não ser que se assuma o ponto de vista romano católico), não é uma instituição política. O Milênio tem um aspecto político. 2) De acordo com o sonho e sua interpretação, a destruição do quarto reino pelo Messias é súbita, violenta e catastrófica. Exatamente uma tal destruição costuma ser atribuída à inauguração do reino milenial messiânico (veja Ap. 19:11 e segs.). No que se refere às vitórias que a Igreja tem obtido neste mundo presente, elas têm sido de maneira completamente diferente. 3) Esta passagem prediz a vitória completa do reino messiânico sobre os reinos do mundo. Exatamente uma vitória assina completa está destinada ao Milênio (por exemplo, Ap. 19; 20; Is. 2). A

Igreja não tem conquistado o mundo e não o fará (Mt. 13:24-30, 36-43; II Tm. 3:1 e segs.). A atual dispensação terminará em grande apostasia e não na vitória da Igreja (II Ts. 2).

7) Recompensa e Promoção de Daniel e Seus Amigos. 2:46-49.

48. Governador de toda a província de Babilônia. Esta província evidentemente incluindo a cidade e suas cercanias, era aparentemente um território pequeno. Talvez fosse o mesmo "reino dos caldeus" (9:1).

Chefe supremo de todos os sábios de Babilônia. "Quais as obrigações particulares deste oficial, não o sabemos. Que Daniel conseguiu abster-se da adivinhação, feitiçaria e astrologia, e da execução dos rituais pagãos, parece implícito na narrativa de seu comportamento que é dado no livro de Daniel" (Stuart, *Comm.*).

49. Na corte do rei. (A porta do rei.) Cons. Ester 2:19, 21. Uma importante posição de rápido acesso ao rei. Há muitos exemplos antigos e modernos de tais títulos concedidos aos cortesãos orientais. Talvez a palavra **porta** deva realmente ser traduzida *corte* (cons. BDB).

Daniel 3

B. Nabucodonosor Prova a Fé do Crente: Uma Lição de Firmeza na Fé. 3:1-30.

Tudo em Daniel 3 sugere claramente que o propósito principal deste capítulo é diretamente prático e não doutrinário. Não há predições. A narrativa simplesmente fala da sorte dos três amigos de Daniel na qualidade de firmes confessores da fé (Daniel não aparece no capítulo). Hebreus 11:34 cita a história como uma lição de fé. O incidente principal é o tema de um desenvolvimento espúrio da história em um livro apócrifo conhecido como "A Canção dos Três Jovens Hebreus".

Os personagens do "drama" são conhecidos, todos já tendo sido apresentados anteriormente: Nabucodonosor (Dn. 3:1; cons. 1:1; 2:1); os caldeus (3: 8; cons. 2:2); os "três jovens hebreus" (3:12 e segs.; cons. 1:6, 7; 2:17, 49). Por que Daniel não foi descoberto em desobediência

civil como os três foram, explica-se melhor pela conjectura de que estivesse ausente da cidade em alguma obrigação oficial.

Em harmonia com o caráter didático desta narrativa, sugerimos um esboço *homilético* e não um *analítico*. Os atos apresentados são os seguintes : 1) a oposição à fé (v. 1; cons. v. 8); 2) a tentação da fé (vs. 2-15); 3) a demonstração da fé (vs. 16-18); 4) a salvação pela fé (vs. 19-30).

1) A Oposição à Fé. 3:1 (cons. v. 8).

A *ocasião* foi o levantamento de uma imagem idólatra. As medidas fornecidas em proporção, $60 \times 6 = 10 \times 1$, dão a idéia de uma imagem sobre um pedestal. Quanto à *localização* em Dura, embora haja pelo menos três lugares com esse nome de acordo com os mestres, só uma ficava perto da cidade. A imagem devia ter sido dedicada a alguma divindade babilônica, embora os versículos 12, 14, 18 pareçam anular isto. Montgomery e Keil argumentam que era um símbolo do império de Nabucodonosor. A acusação de traição (v. 12) sustenta essa declaração.

Seiss (Joseph A. Seiss, *Voices from Babylon*) acha que devia ser um símbolo de Jeová, uma vez que Nabucodonosor parecia querer declarar a Sua supremacia (2:47, 48). Temos precedentes para imagens de Jeová (Ex. 32; I Reis 12:25-33; cons. Atos 17:23), mas parece-nos improvável que esta tenha sido uma delas. As pessoas que lideraram o ataque (Dn. 3:8) eram aquelas que deveriam ser amigas desses hebreus, uma vez que lhes deviam suas vidas. Mas, como todos os homens perversos, opunham-se ao verdadeiro culto a Deus (cons. Pv. 29:25; Mt. 10:16-39, esp. v. 28).

2) A Tentação da Fé. 3:2-15.

A tentação era em *primeiro* lugar para perversão da fé. A idolatria é essencialmente a perversão de um apetite sadio de ver a Deus (João 14:6). Mas a fé deve sempre ser colocada no "Invisível" só mais tarde "feito carne" (veja Rm. 1:23; I João 5:21; Atos 17:29; Êx. 20:4-6). A

tentação era em segundo lugar, para comprometer a sua fé. O progresso de sua profissão parecia depender de sua conformação com a idolatria, contanto que ocultassem arditosamente a sua rejeição (cons. II Reis 5:15-19). O versículo 14 sugere também uma tentação de *ocultamento* da fé.

3. Os sátrapas, os prefeitos e governadores, os juízos, os tesoureiros, os magistrados, os conselheiros e todos os oficiais das províncias (cons. v. 2). Alguns desses termos são semita, como o eram as línguas da Babilônia, o hebraico e o aramaico; outros vinham do persa, uma língua não semita dos senhores medo-persas do reino que se seguiu em 539 A.C (cont. caps. 5 e 6). Argumenta-se que as palavras persas foram usadas anacronicamente. Isto não está implícito, uma vez que a narrativa foi composta por Daniel, que publicou o seu livro no período persa. As palavras escolhidas, então, poderiam ter sido termos que melhor se adaptassem à compreensão e costumes dos seus leitores. Se este livro fosse composto no período grego, na Palestina, como muitos críticos defendem, seria bastante surpreendente que se usasse nele alguma palavra babilônica.

5. O som da trombeta, do píforo, da harpa, da citara, do saltério, da gaita de foles, etc. (com. vs. 7, 10, 15). Tem-se defendido que, considerando que alguns dos nomes desses instrumentos são gregos, o livro deve ter sido escrito depois que Alexandre conquistou o Oriente. Com o passar dos anos, contudo, estudos históricos demonstram cada vez mais convincentemente que houve uma troca de cultura precoce entre a Grécia e o Oriente. Esses instrumentos musicais de origem grega simplesmente levaram consigo seus nomes gregos, como acontece com semelhante intercâmbio cultural hoje em dia, a saber, o piano, a viola, a guitarra, a citara, etc.

3) A Demonstração da Fé. 3:16-18.

16. Ó Nabucodonosor, quanto a isto não necessitamos de te responder. Ausência de quaisquer títulos lisonjeadores na maneira dos hebreus tratarem o rei não indica nenhum desrespeito – antes integridade

concisa. Talvez o nome Nabucodonosor deveria estar ligado ao sentido de "o rei" do discurso começasse com "não estamos preocupados . . ." Em vez de **não necessitamos**, leia-se *não há necessidade*. Estas palavras expressam total submissão e parecem responder à pergunta do rei no versículo 14. **É verdade . . . ?** ou antes, *Estais determinados a . . . ?*

17, 18. O nosso Deus . . . quer livrar-nos. (Cons. II Tm. 1:12). **Ele nos livrará . . . das tuas mãos.** Isto expressa *a plena confiança* de sua fé. Eles não sabiam *como* Deus os livraria da mão do rei – se pela morte, chamando-os à Sua presença, ou por intermédio de um ato especial da providência, salvando-os com vida. Mas mortos ou vivos, sabiam que pertenciam a Deus (I Cr. 3:21-23; veja também Hb. 13:6).

4) A Salvação pela Fé. 3:19-30.

19. Sete vezes mais. Possivelmente a palavra aramaica *had*, traduzida para *um*, na A.V., tenha aqui o sentido de nosso artigo indefinido "um"; portanto *um sete vezes mais*. Talvez fosse uma espécie conhecida de alguma coisa que podia ser multiplicada por sete (por exemplo, a palavra heb. **para** semana é sete, como também a palavra semelhante para juramento). Este sete seria, então, como sugere Zoeckler (*Lange's Comm.*), um número que totalizava a penalidade judicial. Veja também Lv. 26:18-24; Mt. 18:21, 22.

21. Foram amarrados em suas próprias roupas, pois não foi dado tempo para preparativos especiais. O significado das palavras para as peças das roupas está atualmente quase que totalmente perdido. Deve ter-se perdido desde o tempo das primeiras traduções, e a Septuaginta (não o texto grego de Teodósio, que é melhor) vem do período quando certos críticos acham que este livro foi escrito. Se as palavras eram desconhecidas nos dois primeiros séculos e meio A.C. , então o livro deve ter sido escrito muito antes.

24,25. Estas palavras devem ser interpretadas do ponto de vista pagão de Nabucodonosor, não de nosso ponto de vista cristão. **Semelhante a um filho dos deuses** (no aram. *da-mê lebar elahîn*), isto

é, como um ser de aparência divina. O rei estava pensando nas diversas classes de divindades pagãs. (Um caso semelhante de erro na A.V. se encontra em Mt. 27:54). Esta pessoa poderia muito bem ter sido o Filho de Deus pré-encarnado, mas nesse caso, Nabucodonosor não sabia quem Ele era. Veja Is. 43:1-3.

A vitória da fé tinha cinco objetivos:

- 1) Foram soltos de suas amarras (v. 25).
- 2) Foram protegidos do mal (v. 27).
- 3) Foram confortados na provação (vs. 24, 25, 28).
- 4) Seu Deus foi glorificado (v. 29).
- 5) Como servos de Deus foram recompensados (v. 30).

Daniel 4

C. A visão de Nabucodonosor, uma Grande Árvore: Uma Lição de Humildade. 4:1-37.

Os três primeiros versículos no aramaico foram por engano ligados ao capítulo 3. Tanto no estilo como no pensamento pertencem ao capítulo 4. O fato de Nabucodonosor estar falando na primeira pessoa através de todo o capítulo 4, desde o primeiro versículo, indica uma mudança nítida da terceira pessoa de 3:30.

Começando com uma pequena saudação (vs. 1-3), seguida das palavras do próprio rei sobre as circunstâncias na cova (vs. 4-9), ele apresenta a narrativa de um sonho (vs. 10-18), que Daniel interpretou (vs. 19-27), e que se cumpriu nas experiências humilhantes de Nabucodonosor (vs. 28-33), seguidas de maneira feliz pela recuperação e restauração do rei (vs. 34-37).

1) Saudação de Nabucodonosor. 4:1-3.

A forma da saudação, como do restante do capítulo, indica que este é um documento governamental da Babilônia, incorporado por Daniel às Sagradas Escrituras. Isto indica que a inspiração das Escrituras é através da autoridade divina da pessoa por cuja orientação uma determinada

palavra é incluída. Até as palavras de uma mula foram incluídas nas Escrituras (Nm. 22:28, 30) pela autoridade de Moisés! A saudação de Nabucodonosor deu início a este documento – que sem dúvida circulava independentemente antes de ser incluído nas Escrituras – dirigido a todo o seu reino. Não é demais esperar que alguns arqueólogos o encontrem algum dia. Talvez ele já esteja incógnito entre alguns dos milhares de documentos em tabuinhas de barro, descoberto, mas ainda não decifrado.

2) Circunstâncias na Corte. 4:4-9.

4. Eu, Nabucodonosor, estava tranqüilo em minha casa. Guerras bem sucedidas e grandes construções na Babilônia tinham lhe proporcionado a tranqüilidade da realização. (Imensas ruínas arqueológicas testificam disso. Veja bibliografia e texto de Bouffler, *In and Around the Book of Daniel*, págs. 65-113). **Feliz no meu palácio.** Geralmente usado em relação a plantas, o adjetivo *ra-'anan*, fluorescente (E.R.C.), aparece na Bíblia Hebraica nas descrições do luxuriante crescimento das árvores (Sl. 92:12) e figurativamente da saúde das pessoas (Sl. 92:14). Materialmente tudo prosperava.

5. Tive um sonho, que me espantou. O rei tinha uma neurose! A cabeça que carrega uma coroa não tem sossego.

6, 7. Apelar para os seus conselheiros não tinha propósito. Esse grupo de pomposos charlatões já há muito devia ter sido desfeito.

8. Por fim se me apresentou Daniel. Seria o orgulho nacional que o impediu de chamar Daniel antes? Perversidade? Depravação? O restante do versículo indica que embora tivesse uma elevada opinião sobre Daniel, ainda continuava mantendo um ponto de vista inteiramente pagão. Não há evidência de que *rûah 'elahîn qaddishîn* deveria ser traduzido para "o Espírito do Santo Deus", como defendem alguns, embora essa tradução seja possível gramaticalmente e o paralelo com a cognata hebraica de Js. 24:19 a apóie, como também a grega de Teodósio e a RSV, à margem. Vendo que Nabucodonosor reconhecia outro como "meu deus", duvidamos que ele considerasse Jeová como o

Deus santo e único. Santo aqui parece significar simplesmente "divino". **Meu Deus** é de identidade incerta. Pode significar Bel, como em **Belsazar**, ou Nabu como em Nabucodonosor, ou Marduque o principal deus da Babilônia e de todo o panteão babilônico. Via as palavras de Faraó em Gn. 41:38 semelhantes a estas.

Quatro expressões resumem as circunstâncias na corte: *prosperidade* aparente, *perturbação* no coração do rei, *frustração* dos seus esforços e um *apelo* patético ao profeta de Deus.

3) Narrativa do Sonho. 4: 10-18.

10, 11. Uma árvore. A mais útil de todas as plantas, que serve para dar sombra, alimento para o homem e os animais, decoração e beleza, combustível, material de construção. Nas Escrituras um símbolo comum (por exemplo, Jz. 9:8 e segs.; Sl. 1:13; Jr. 1:11, 12; Ez. 15:1 e segs. 31:3-18). Nabucodonosor amava as árvores do Líbano. Registros existentes falam de suas viagens para vê-las e trazer sua madeira para a Babilônia (Wady Brissa Inscription. Boutflower, *op. cit.*, in loco). Cons. Ez. 31:3-18, 12. Cons. Mt. 13:31, 32.

14, 16. Se qualquer insinuação naturalmente psicológica sobre o passado do rei estava *por trás* do sonho, era provavelmente sua experiência no Líbano, onde ele pessoalmente supervisionara o corte dos cedros para o transporte até a sua capital. A queda de uma árvore alta deixa uma profunda impressão na pessoa que observa.

Para maiores detalhes, veja comentários sobre a interpretação na seção seguinte. O que importa aqui é a declaração de propósito, que resume a mensagem espiritual não só deste capítulo mas também de todo o livro.

17. A observação de Young (*Proph. of Dan.*, in loco) de que o rei aqui fala como um pagão parece estar errada. O rei está repetindo as palavras de um mensageiro divino. É melhor dizer que temos uma citação aparentemente exata que um pagão faz das palavras de um mensageiro divino. A profecia aqui, como no capítulo 2, está no nível do

entendimento de um rei pagão. **Esta sentença.** Antes, *o decreto*, ou *a decisão*. Autoridades concordam que esta é a linguagem do paganismo. Possivelmente foi usada a linguagem das decisões astrológicas (Montgomery, BDB). **Por decreto dos vigilantes . . . dos santos.** Cons. v. 13 – "um vigilante, um santo" (RSV). Os dois nomes são para o mesmo mensageiro divino geralmente conhecido pelos hebreus como aqui. São anjos santos e vigilantes. **O Altíssimo.** Este nome é peculiarmente apropriado. O rei pagão atribuiu assim ao Deus de Daniel, com o qual ele identificava o próprio Daniel, a preeminência acima de todos os deuses. A designação também pode ser entendida como a solitária grandeza de Deus na qualidade de Deus único e verdadeiro (cons. I Co. 8:4-6). **Ao mais humilde dos homens.** A referência é aos homens de situação humilde e não aos de caráter mau.

Este versículo que declara solenemente o controle providencial e soberano de Deus no decorrer da história humana é o centro do livro de Daniel (cons. Is. 40:15 e contexto; Pv. 21:1; Rm. 13:1; Atos 17:24-26).

4) A Interpretação do Sonho. 4:19-27.

19. Daniel . . . esteve atônito. Antes, *perplexo* – não porque tivesse dificuldade na interpretação do sonho mas porque não tinha nenhuma dificuldade e se sentia muitíssimo relutante em dar as más notícias ao bondoso monarca. **Algum tempo** e não *uma hora*. Provavelmente uma expressão familiar como o nosso "um minuto", significando um momento. **Seus pensamentos o turbavam** (isto é, o amedrontavam). Ele se sentia amedrontado por causa do rei. O fato do rei ter se compadecido de Daniel parece indicar a afeição que ele sentia por seu conselheiro hebreu, apesar de não tê-lo convidado antes à sua presença. **Contra os que te têm ódio.** Alguns acham que esta e a cláusula seguinte indicam que Daniel desejava que a desgraça predita ao rei pudesse recair sobre os seus inimigos e rivais. É inteiramente possível interpretar suas palavras como uma simples afirmação de que os acontecimentos preditos dariam

satisfação aos inimigos e rivais do rei, e este parece ser o sentido mais provável.

20-22. A árvore . . . és tu, ó rei. O próprio rei, conquistador e senhor orgulhoso de toda a terra, está simbolizado pela árvore. **A tua grandeza cresceu, e chegou até ao céu, e o teu domínio até à extremidade da terra.** Esta declaração, especialmente a segunda e terceira partes dela, não era literalmente verdadeira, embora fosse a declaração de um profeta. Os antigos semitas gostavam das hipérboles e as usavam sem que fossem mal-interpretados por alguém. O reino de Nabucodonosor, na realidade, era geograficamente menor do que os impérios persa, grego ou romano. Era, entretanto, muito grande e incluía a maioria das partes conhecidas do mundo.

23. A intenção dessas palavras era de que o rei pessoalmente experimentasse um grande desastre, perdendo a sua posição durante um período de **sete tempos**. O aramaico não é mais específico do que a tradução portuguesa no que se refere à duração de tempo envolvido. Considerando que dias, semanas ou meses dificilmente teriam dado tempo suficiente para o desenvolvimento do versículo 33b, parece melhor acompanhar a maioria dos comentaristas e adotar "anos" como o significado.

26. Isto assegurava ao rei uma final restauração.

27. O conselho de Daniel era no sentido de que o rei desse sinais de arrependimento (veja Joel 1:8, 14; 2:17, 18), sem dúvida como prova de mudança interior (via Joel 2:13). Impureza pessoal (*pecados*) como também a opressão aos súditos e inimigos derrotados (*iniquidades*) precisavam acabar. Seu arrependimento poderia provocar o "arrependimento" divino (veja Jr. 18; Joel 2:12-14).

5) Cumprimento do Sonho. 4:28-33.

29. Doze meses. Houve um misericordioso "prolongamento de sua tranqüilidade" (v. 27). **O palácio real de Babilônia.** Escritores antigos contam, e a arqueologia confirma, que Nabucodonosor, além de

remodelar e ampliar os antigos edifícios da Babilônia, levantou seus próprios projetos de magníficas construções. Uma grande rua que ele reconstruiu para desfiles estendia-se diante dele, como também muitos templos e quilômetros de muros. "Agora, neste palácio, tendo construído grandiosas estruturas de pedra e tendo plantado sobre elas todos os tipos de árvores, dando-lhes um aspecto muito parecido com o de montanhas, ele elaborou e preparou os famosos Jardins Suspensos, para agradar à sua esposa, que gostava das terras montanhosas, porque fora criada na Média" (Josefos *Against Apion* 1, 19).

30. A grande Babilônia que eu edifiquei. Veja observações sobre 4:29. Cons. Is. 14:4 e segs. "Todo o cenário e a auto-complacência do rei em sua gloriosa Babilônia são extraordinariamente leais à história" (Montgomery, *op. cit.*, pág. 243. Consulte também o padrão de obras da antiga história e arqueologia da Babilônia. Algumas das melhores são as do século dezenove; por exemplo, Layard, *Nineveh and Babylon*; as diversas obras de Rawlinson; *Assyrian Discoveries* de George Smith. Cons. Boutflower, *op. cit.*, quanto aos trabalhos mais recentes, além de Montgomery, *op. cit.*, pág. 243).

31-33. Uma voz do céu. A última experiência consciente e lúcida do rei voltou sua atenção para Deus no céu. Na próxima seção vemos que *sete anos depois*, quando ele retomou à sanidade mental, sua primeira reação foi a de reagir olhando para cima.

Quanto a evidências históricas da veracidade do fato, o leitor deve recorrer a obras de maior alcance. Existe apoio, mas não provas. Na antiguidade, diversos exemplos da doença de Nabucodonosor têm sido descritos. Se foi um juízo divino especial, não temos necessidade de um paralelo natural, por mais interessante que seja. Considerando que os antigos geralmente consideravam as pessoas loucas como "possuídas" por um deus, o rei talvez fosse mantido em um parque recebendo tratamento especial. Exemplos das alterações físicas do rei existiram na antiguidade na história aicar (ANET, págs. 427-430).

6) Recuperação e Restauração do Rei. 4:34-37.

34. Quando o homem recuperou o **entendimento**, ele louvou a Deus! Nada é mais insano que o orgulho humano. Nada é mais sóbrio e sensível que o louvor de Deus.

35-37. A restauração do rei deveria encorajar os homens a esperar dias melhores, na providência divina, por mais profundo que o castigo do Senhor possa ter sido para com eles.

Este capítulo mostra que os pagãos não estão isentos do governo moral de Jeová. As leis morais governam a elevação e a queda dos homens quer estejam relacionadas com Deus através da graça salvadora quer não (vaia também Amós 1:1 – 2:3).

Daniel 5**D. A Festa de Belsazar: Uma Lição sobre o Pecado e o Seu Castigo. 5:1-31.**

O propósito deste capítulo é dar instrução moral mais que informação histórica. Os versículos 1, 30, 31 fornecem os únicos dados históricos significativos. O resto é uma lição sobre o pecado e o seu castigo.

Gobryas (babl. *Gubaru*), general de Ciro, está junto ao portão da Babilônia no exato momento em que o rei dava início a sua festa. Ele tinha desviado as águas do Eufrates e marchava com seus homens subindo o leito do rio a caminho da cidade que ficava em suas duas margens. Os portões do rio tinham ficado sem guardas. A Babilônia, com mantimentos estocados para vinte anos, supunha-se segura por trás dos muros maciços. Nabonidus (bab. *Nabunaid*), o pai de Belsazar, fora derrotado na batalha pelos exércitos de Ciro, e agora estava cercado em Borsipa, não muito longe. Não havia lugar para loucas bebedices!

1) Prazer, o Motivo da Festa. 5:1-4.

1. Belsazar. Desconhecido a não ser através deste capítulo, o rei atualmente está bem autenticado através de documentos antigos (RP.

Dougherty, *Nabonidus and Belshazzar*). **Um grande banquete.** Uma festa sensual, indicada pela presença de mulheres entre os homens, coisa fora do comum no Oriente, (com. Ester 1:9). **Bebeu vinho na presença dos mil.** Mesmo nas festas públicas os reis orientais (pelo menos no período persa) ficavam ocultos da vista pública. Era uma liberdade não contida pelas convenções.

2. Mandou trazer os utensílios. Para Nabucodonosor tirar esses vasos do templo de Jerusalém (1:1-3) estava de acordo com os costumes de guerra. Mas retirá-los do depósito nacional para uma orgia era sacrilégio. Nabucodonosor, o grande rei, tinha *verdadeiras* façanhas a seu crédito, e num certo grau, Nabonidus, o pai do rei, realizara façanhas pacíficas para crédito seu. Mas o príncipe covarde só sabia realizar tolos atos de sacrilégio para ganhar fama.

4. O comportamento de Belsazar era sensual, incontrolado, selvagem e sacrílego. Também era estúpido. Os exércitos de Gobryas já se encontravam dentro da cidade.

2) Uma Contribuição Pressaga de Deus para a Festa. 5:5, 6.

5. No mesmo instante. Deus falou de repente. O tempo se esgotara. **Uns dedos de mão de homem.** O presságio era misterioso. O sobrenatural se apresentava. **Na caiadura.** Sobre a mesma parede onde deviam estar registrados os grandes acontecimentos nacionais. Ação impiedosa! Deus não se preocupa com vanglórias patrióticas. **E o rei via.** Era extraordinário.

3) Perplexidade, o Efeito da Visitação Divina. 5:7, 8.

7. Encantadores . . . caldeus . . . , feiticeiros. Uma vez mais (cons. 2:2-14; 3:8; 4:6, 7) esses monumentais charlatões apareceram. Além deles "não conhecerem a Deus" (I Co. 1:21) em sua "sabedoria", pouco sabiam sobre qualquer outra coisa mais (cons. Dn. 5:8). **Púrpura,** a cor da realeza entre diversos povos antigos e provavelmente também os babilônios. **Cadeia de ouro.** Cons. Gn. 41:42. **O terceiro no meu reino.**

De significado incerto. Algumas autoridades identificam a palavra como significando "ajudante" ou "oficial". A palavra *talti* é, com toda certeza, derivada do aramaico *telat* (cons. BDB) e provavelmente significa *terceiro* (governante ou parte). Comumente só o pai de Belsazar, o cercado Nabonidus, teria autoridade para nomear um **terceiro**. Mas por uma ou duas horas Belsazar foi *de fato*, se não *de jure*, o supremo monarca, e achou que podia conferir esta honra. Nenhum judeu na Palestina, durante o período dos Macabeus (século segundo A.C.), poderia ter reconstruído tão corretamente a situação histórica, contrariando certos críticos que assim pensam.

4) Declaração de Desgraça, a Parte de Daniel na Festa. 5:10-28.

10. A rainha-mãe. Não a esposa do rei, mas sua mãe. Nas famílias polígamas, a rainha é a mãe do rei (cons, narrativas sobre mães de reis judeus no V.T.). Esta rainha era presumivelmente uma esposa de Nabonidus. Talvez também fosse uma jovem esposa do notável Nabucodonosor (cons. Boutflower, *in loco*).

11. Nabucodonosor . . . teu pai. Nabucodonosor era, naturalmente, não o parente masculino imediato do rei. É pouco provável também que Nabucodonosor tenha sido seu avô. Provavelmente pai apenas num sentido legal, uma vez que Nabonidus teria se aparentado com a família do grande Nabucodonosor através do casamento (Boutflower, *in loco*). A repetida afirmação da rainha sobre o relacionamento com o "pai" sugere que era uma questão de etiqueta na corte, não um fato real. Esse tipo de etiqueta não é desconhecida em outras partes da Bíblia (por exemplo, I Cr. 3:17, onde Salatiel, o filho de Neri que descendia de Davi através de Natã, II Cr. 3:27, 31), é chamado de "filho" de Jeconias).

17. Os presentes materiais de um rei cujo tempo de vida estava contado, pouco significavam para um santo profeta avançado em anos.

25. MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM. Evidência textual, como também os versículos seguintes, indicam que aqui provavelmente há uma combinação de má interpretação e corrupção do texto. O

versículo seria possivelmente assim, com aspas: "Estas são as palavras escritas : 'Mene Mene, Tequel' e 'Parsim' ". O U de *UPARSIM* é a forma aramaica de "e". O PH é um som aspirado de P para acomodar o som da vogal anterior. O IN é a forma do plural, provavelmente introduzido mais tarde por algum escriba que ligou a palavra aos persas, pois a terminação só pluraliza a palavra. **Mene** foi repetido para dar ênfase. As três palavras **Mene, Tequel** e **Peres**, conforme se apresentam, são participios passivos, exatamente traduzidos para *contado, pesado e dividido*. São também, quando sem as vogais, a saber, **MN, TKL, PRS**, os nomes de três pesas antigos que poderiam ser paralelos dos nossos termos, uma libra, uma onça, meia onça, Além disso, é possível que a inscrição sobre a parede fosse cuneiforme silábica ou em ideogramas. Nenhum desses modos de escrever seria inteligível sem um contexto. Na realidade, à parte da interpretação, seu único valor foi o de captar a atenção do rei para que Daniel pudesse lhe falar.

26, 28. (Boutflower, Montgomery e Young ajudam muito aqui.) É possível que as palavras interpretadas sejam nomes de pesas ou moedas conforme indicado acima. Nesse caso, fazem um jogo de palavras. *Mane* (aram.), um peso de cinquenta siclos, equivalente a cerca de duas libras (veja Ez. 45 : 12), faz paralelo a **mene**, que significa contado. *Tequel*, uma moeda ou peso, equivalente ao siclo hebreu, sugere **tequel** no sentido de pesado. *Peres* (meio *mane*) sugere **peres**, dividido. Também sugere agourentamente a Pérsia, que aparece no versículo 28. **Aos medos e aos persas.** Este versículo prova conclusivamente que o autor deste livro cria que o sucessor do reino babilônico seria um *reino dual*, incluindo dois elementos nacionais. Ele não imaginava o segundo e o terceiro estágio do império (caps. 2; 7) como respectivamente dos medos e persas, mas reconhecia-os como medo-persa e grego respectivamente. A crítica incrédula está "enroscada" neste versículo como se o autor estivesse supondo uma sucessão da Babilônia, Média, Pérsia e Grécia, e não a verdadeira sucessão da Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma.

5) O Castigo, o Final da Festa. 5:29-31.

30. O sacrilégio de Belsazar, como o de outros (II Sm. 6:6, 7; Lv. 10:1, 2; I Co. 3:17), exigia castigo imediato **naquela mesma noite**. Detalhes do cerco e queda de Babilônia já foram há muito profetizados por Jeremias (caps. 50 e 51). Assim Deus cumpria a profecia de Isaías referente a Ciro (Is. 44:24, 28; 45).

Daniel 6**E. Dario, o Medo, no Papel de Perseguidor Religioso: Uma Lição sobre Fé e Oração. 6:1-28.**

O tema da fé e oração desenvolve-se na história da perseguição religiosa, um tema pela primeira vez mencionado nas Escrituras em Gênesis e que prossegue até o Apocalipse 20 (veja também Mt. 10:16-26; 23:33-36; 24:1-28; João 21:18, 19; Atos 7; 18:2; I Pe. 4:12, 13; I João 3:12; Ap. 1:9; 13).

O capítulo começa explicando a posição de destaque que Daniel tinha na Babilônia (vs. 1-3). Logo a seguir fala-se de uma conspiração contra a sua vida (vs. 4-9). Segue-se a oração modelo de Daniel (vs. 10, 11), depois a narrativa do sucesso aparente da conspiração (vs. 11-17). O capítulo continua com a surpreendente resposta divina à oração e o fracasso da conspiração (vs. 18-28).

1) O Destaque de Daniel. 6:1-3.

1a. Pareceu bem a Dado. O mesmo Dario conforme representado em 5:31 como sendo o primeiro governador da Babilônia depois da conquista medo-persa, um homem de sessenta e dois anos de idade. A história não nos conta sobre nenhum homem chamado Dado que nessa ocasião reinasse na Babilônia. Ciro (1:21; 10:1) foi o rei persa de suprema autoridade nesse período, segundo testificam a Bíblia (Is. 44:21-45:5; II Cr. 36:22, 23; Esdras 1:1-4), historiadores seculares (Heródoto, Berosus, Xenofonte) e evidências arqueológicas (Crônica de Nabonidus, Cilindro de Ciro, etc.). A verdade da narrativa pode

permanecer sem outro apoio, entretanto. Dario obviamente foi um vice-rei sob Ciro. A linguagem de Dn. 5:31 e especialmente de 9:1 praticamente o indica. Ele foi um "rei sobre o reino dos caldeus" (9:1, isto é, a Babilônia), rei local; enquanto que Ciro era o "rei da Pérsia" (isto é, do império, 10:1).

Se podemos identificar Dario com o próprio Ciro, com Ciáxares, ou Astíages, ou Cambises das fontes seculares, ou com Ugbaru ou Gubaru dos registros contemporâneos, não pode ser considerado ou estabelecido, embora uma boa conjuntura tenha sido recentemente estabelecida para Gubaru (John Withcomb, *Darius the Mede*). Diversas das teorias acima mencionadas são anualmente consideradas muito improváveis. A fé pode aguardar por informações futuras. Sabemos que era coisa comum entre os reis ter dois ou mais nomes (por exemplo II Cr. 36:4, 8; cons. Jr. 22:24).

1b. Cento e vinte sátrapas. Não eram os chefes das 127 províncias do grande império de Assuero (Xerxes, 486-465 A.C.). Não se mencionam divisões geográficas. Antes, eram os 120 assistentes de Dario como governador da Babilônia. "Rei" no aramaico e hebraico é um termo bastante elástico encampando qualquer governante desde um reizinho fantoche (por exemplo, os reis das cidades no livro de Josué) até Nabucodonosor (Dn. 1:3), Ciro (10:1) e Assuero (Ester 1:2).

2. Três presidentes. Antes, *supervisores*. Para que o rei não sofresse dano. O rei estava preocupado com o seu próprio lucro financeiro e material, não pela administração da justiça. Os antigos monarcas pagãos não tinham o verdadeiro conceito do governo "para o povo" (veja I Sm. 8).

3. Evidentemente Daniel, com mais de cinquenta anos de serviço público, era uma figura de destaque internacional, conhecido por sua integridade ; pois ele era um estrangeiro, afastado somente dois cargos de Dano, e uma herança da administração inimiga. Isto dá idéia do valor da idade em posições de alta responsabilidade (Pv. 16:10-16). Mas era

exatamente no destaque de Daniel que estava o perigo, por causa da inveja e do ciúme dos outros.

2) A Conspiração Contra Daniel. 6:4-9.

4. A inveja estava operando (cons. Pv. 27:4; os irmãos de José; Atos 7:9; Joabe, II Sm. 20: 4-10; os inimigos de Jesus, Mt. 27:18).

5. A renomada integridade de Daniel fez dele o alvo certo. Já se sabe de antemão o que fará um homem honesto em determinadas circunstâncias. Controle as circunstâncias e você o controlará!

6-9. O poder do plano estava em se aproveitar da vaidade de Dado. O discurso e as sugestões dos homens, tudo apelava para os desejos pagãos de vanglória do rei. Sendo um homem de sessenta e dois anos de idade, ele sabia que se quisesse obter glória, seria agora ou nunca! A declaração de que "todos" os conselheiros tinham sido consultados era uma mentira, pois Daniel não fora consultado. **Na cova dos leões.** Os persas, na qualidade de zoroastrianos, consideravam o fogo sagrado. Por isso, para eles, teria sido impróprio cremar ou executar pelo fogo. Os zoroastrianos (parsas) continuam até o dia de hoje a expor seus mortos a aves carniceiras.

3) A Oração de Daniel. 6:10, 11.

A reputação de Daniel diante do próprio Deus nos céus tornou suas orações dignas de atenção e imitação (cons. Ez. 14:14; Dn. 10:11). A sublimidade de sua corajosa fé está reconhecida por todos os que procuram se colocar dentro da situação. Ele manteve seus hábitos piedosos e suas crenças – como costumava fazer - diante de um transe absolutamente insuportável – quando soube que a escritura estava assinada.

10. **Quando soube.** A oração, em primeiro lugar, foi corajosa (cons. Hus at Constance, d.C. 1415). **Entrou em sua casa ... e orava.** Em segundo lugar, ela era verdadeiramente piedosa, sem exibição do heroísmo em público. Não houve ostentação de religião. Daniel só fez o

que achou que era certo (cons. Tg, 1: 27; Mt, 6: 5 e segs.). Em terceiro lugar, foi uma oração de acordo com as Escrituras. Como Moisés, em Dt. 28:36-68, predisse o cativo dos judeus, assim as palavras de Salomão em II Cr. 6:36-39 determinaram que adorariam em cativo. Daniel 6:10, 11 deve ser entendido à luz indispensável destas passagens.

Oito elementos específicos da verdadeira oração aparecem na comparação:

(1) *Fé*. Daniel cria na Palavra, pois ele obedecia e orientava suas orações por meio dela. A oração dos exilados tinha de ser orientada "na direção de sua terra" e ao orar voltado para os lados de **Jerusalém**, Daniel demonstrou fé respeitosa.

(2) *Adoração*. Salomão determinou que fosse "em direção da cidade", isto é, Jerusalém (Dt. 12:5-7; I Cr. 11:4-9; 13:1-14; 15:25-29; II Cr. 3:1, 2; 5:1-14; 7:1-3. Cons. João 4:20-22; Atos 4:12). Daniel não podia adorar literalmente na Cidade Santa, mas sua atitude demonstrava que ele desejava fazê-lo; e em espírito ele o fazia.

(3) A base da *expição pelo sangue*. "A casa . . . edificada para o meu nome" era o centro do ritual sacrificial. A atitude de Daniel reconhecia isto (cons. Hb. 10:19-22).

(4) *Humildade*. Isto está indicado pela ênfase marcada sobre a posição de joelhos (cons. Luc. 18:13, 14).

(5) *Regularidade*. **Três vezes no dia** (cons. Sl. 55:16, 17).

(6) *Petição*. **E orava** ou *e perseverava orando*. A palavra *sela'* significa "curvar-se num pedido".

(7) *Ação de graças*. **Dava graças**, etc. (cons. Fp. 4: 6).

(8) *Constância*. **Como costumava fazer**.

11. Então aqueles homens foram juntos, e, tendo achado a Daniel a orar . . . Aqui, como no versículo 6, juntos tem o sentido de assembléia tumultuosa. No primeiro exemplo cercaram o rei com sugestões nervosas e no segundo rumorosamente interromperam um

idoso e santo servidor público em suas devoções particulares. Nenhuma das atitudes falava a seu favor.

4) O Aparente Sucesso da Conspiração. 6:12-17.

Dario encontrou-se tolhido e amordaçado por sua própria lei. Nisto demonstrou que sua autoridade era bastante inferior em natureza a de Nabucodonosor, cuja pessoa estava acima da lei. O governo de Dario aproximou-se do ideal democrático, mas era menos absoluto do que o dos caldeus. Neste sentido era inferior, e assim cumpriu o que fora predito dele pela porção de prata da imagem na profecia do capítulo 2. Observe que a admiração do rei por Daniel não desapareceu, e que a fé de Daniel inspirou o rei a crer também.

5) A Espantosa Resposta à Oração de Daniel. 6:18-28.

Se Daniel orou por si mesmo, então os versículos 21-23 descrevem a resposta; se foi pelo rei, então o versículo 16 da seção anterior mostra a operação divina no seu coração; se pela glória de Deus, então os versículos 24-28 dão a resposta. A fé zoroastriana do rei era o ponto mais próximo do monoteísmo ético judeu que o paganismo conseguiu alcançar. Esta declaração traduz-se quase como se ele tivesse contribuído para o desenlace. Deus foi glorificado pela destruição dos Seus inimigos, pela confissão do rei e pela recompensa do Seu servo.

Daniel 7

F. Uma Visão das Quatro Bestas, o Ancião de Dias e o Filho do Homem: O Conflito de Cristo e o Anticristo. 7:1-28.

Três importantes mudanças têm início neste capítulo. Até o capítulo 7 a matéria é principalmente histórica. Daí em diante é principalmente preditiva. Até agora Daniel fora o agente divino na revelação, interpretando sonhos de outros. Daqui para frente, um anjo interpreta os sonhos e as visões do próprio Daniel (7:16; 8:15-17; 9:20-23; 10:10-14).

Até agora o autor falou na terceira pessoa; daqui para frente ele escreve na primeira, dando um relatório mais íntimo de suas experiências.

Uma transição da profecia centralizada nas nações gentias para a profecia centralizada nos judeus toma posição coma entrada do "povo santo" (traduzido "santos", vs. 18, 22, 25). Os judeus são o centro do interesse do final do livro.

A mesma sucessão de reinos que se encontra no capítulo 2 aparece aqui – quatro impérios gentios, então o reino do Messias. O ponto de vista que defende que o capítulo 7 só descreve acontecimentos dentro da área mediterrânea ao findar a presente dispensação é habilmente apresentado por G.H. Lang (*The Histories and Prophecies of Daniel*) na perspectiva pré-milenial. O ponto de vista de que os quatro reinos são: 1) Babilônia, 2) Medo-Pérsia, 3) Grécia e 4) os sucessores gregos de Alexandre e que o quinto é o reino do Messias, é defendido de maneira reverente mas não amilenista por Moses Stuart (*Commentary on Daniel*) e de maneira amilenista reverente pela obra católica romana de C. Lattey (*The Book of Daniel*). Após o costumeiro estabelecimento do cenário histórico (v. 1), seguem-se detalhes de uma série de visões (vs. 2-14, 21, 22), o novo método de interpretação de sonhos e visões (vs. 15, 16), a interpretação (vs. 17-20, 23-27), e uma declaração pessoal final (v. 28).

1) Cenário Histórico. 7:1.

1. No primeiro ano de Belsazar. Cerca de quatorze anos antes dos acontecimentos do capítulo s. É provável que a fraqueza da Babilônia já estivesse começando a aparecer. **Um sonho, e visões.** Nem sempre claramente distintas. Os sonhos são experiências durante o sono; as visões podem surgir estando-se acordado, ou, como aqui, podem ser "cenas" ou estágios sucessivas em um sonho. **Escreveu logo o sonho e relatou a suma de todas as coisas.** Ele as registrou imediatamente (**logo**, ou *logo após*, ou *naquela hora*, como o aramaico '*edayin* com o prefixo *b* enfaticamente exige). Foi *escrito*, contrariando a generalizada teoria das profecias-por-transmissão-oral (veja Is. 30:8; cons. 8:1, 16;

Hc. 2:2; Ap. 1:19; 14:13; 21:5). Era um resumo, pois apenas a **suma** (aram. *cabeça*) ou substância do material foi registrado. Semelhante uso do hebraico *ro'sh* aparece em Sl. 119:160 (surtia, ASV) e 137:6 (principal). (Veja Stuart, *Comm.*, in loco.)

2) Detalhes das Visões. 7:2-14, 21, 22.

2. Os quatro ventos do céu. O uso em outros lugares indica que os ventos representam o poder providencial de Deus através do qual Ele controla as nações, agitando-as ou apaziguando-as (Ap. 7:1-3; Jr. 23:19; 49:36; 51:1; Zc. 6:1-6; 7:14). *Rûah* pode ser traduzido para "espírito" ou "vento", e aqui é propositadamente ambíguo. (Verifique também Dn. 4:17; I Tm. 2:1, 2.) Jerônimo acha que os ventos representavam os anjos. **O Grande Mar.** Não um mar qualquer, mas, como Lang demonstrou de maneira hábil (*Histories and Prophecies of Daniel*, pág. 86 e segs.), o Mediterrâneo (veja esp. Nm. 34:6, 7; Js. 1:4; 9:1; 15:11, 12, 47; 23:4; Ez. 47:10-15, 19, 20; 48:28).

3. Quatro animais grandes . . . subiam do mar. Portanto, os animais, mais tarde descritos, estão ligados com o Mediterrâneo. Do mesmo modo, como indica o uso simbólico e profético de "mar", eles se levantaram com reboliço, inquietação, com palavras turbulentas, etc., coisas que acompanham a falsa diplomacia (Is. 57:20; Jr. 6:23; 50:42; 51:42; Ap. 17:15; cons. Lc. 21:25). As nações e o seu levantamento não são encaradas de maneira lisonjeira nas Escrituras (Is. 34:2; 40:15-17; Joel 3:2; cons. "o mundo", I João 2:15 e segs.; 5:19; II Pe. 3:10). **Diferentes uns dos outros.** Cada nação tem as suas próprias características especiais, embora todas partilhem do mesmo caráter brutal, irracional e bestial. Que diferença tem esta visão interior do profeta da dignidade rutilante da imagem do sonho do pagão Nabucodonosor!

4. O leão simboliza a Babilônia aqui e também em Jr. 4:6,

7. As asas de águia falam de velocidade, como o leão da força. São símbolos naturais dificilmente precisando de explicação (cons. II Sm. 1:23; Jr. 49:19-22; Ez. 17:3-24).

5. O urso é um símbolo adequado para o reino medo-persa. Força e ferocidade fazem parte de quase todas as vezes em que a Bíblia usa a figura de um urso. A magnitude poderosa se ajusta bem aos grandes exércitos persas. Diz-se que Xerxes comandou dois milhões e meio de homens quando atacou a Grécia. A dualidade pode estar sugerida pela referência aos lados do animal.

6. O musculoso leopardo de quatro asas fala, sem dúvida, do reino grego (macedônio) de Alexandre. O governo passou de Nínive (Assíria) para a Babilônia em 612 A.C. ; da Babilônia para a Pérsia em 539 A.C. e Dario III para Alexandre em 331 A.C.

7, 8. Como no capítulo 2, o quarto estágio do império romano. Desde que o reino deve prevalecer até a destruição do Anticristo (o **pequeno** chifre) e o estabelecimento do reino de Cristo, eterno, final e visível (cons. Ap. 19:11 – 20:4), deve ser considerado como urda prevalecente. A forma décupla do estágio final, talvez sugerida pelos dez artelhos do capítulo 2, está clara aqui e confirmada por Ap. 17:3 e segs. Mais tarde o **pequeno** chifre está identificado com o Anticristo final.

9-14. Esta cena do trono está minuciosamente elaborada no Ap. capítulos 4-20. Evidentemente os cinco versículos de Daniel abrangem o mesmo terreno dos dezessete capítulos do Apocalipse. É uma cena do juízo onde o **Ancião de dias** – ninguém outro que "o Alto, o Sublime, que habita a eternidade" (Is. 57:15) – toma posse dos reinos da terra através do **Filho do homem** – um nome que o Senhor claramente reivindicou para si mesmo (Mt. 24:30). A ação dramática através da qual o reino da besta é violentamente derrubado encaixa-se em muitas predições bíblicas sobre a maneira pela qual nosso Senhor julgará as nações no final desta dispensação.

21, 22. Embora separados por detalhes de interpretação (vs. 15-20), estes versículos pertencem à visão propriamente dita e não à

interpretação. **Os santos do Altíssimo . . . os santos possuíram o reino.** Nada é mais certo que o fato de todos os santos de todas as dispensações participarem do triunfo final de Cristo no Seu reino. Mas esta passagem apenas afirma uma parte desta verdade. A perspectiva do livro, o significado das palavras, e o contexto aqui limitam a aplicação ao povo de Daniel, o Israel claramente identificado em 10:14 (aqui se usou a expressão hebraica equivalente). "Por 'santos do Altíssimo' que receberão todo o domínio (Dn. 7:18-27), Daniel só poderia entender o povo de Israel, que se destacava das nações e reinos pagãos, que deveriam reinar até então (2:44); nem temos nós, de acordo com a exegese estrita, o direito de aplicar a expressão a qualquer outra nação; portanto não podemos aplicá-la imediatamente à Igreja . . . As palavras do profeta se referem ao restabelecimento do reino de Israel" (C.A. Auberlen, *The Prophecies of Daniel and the Revelation of St. John*, págs. 216, 217).

3) O Método de Interpretação. 7:15, 16.

De modo muito estranho, um anjo que faz parte da visão, mas também é um ser pessoal real, mais tarde identificado como Gabriel, vem a ser o intérprete aqui e através do restante do livro (cons. 8:16; 9:21). Embora tratado rapidamente por Daniel, este é um aspecto importante.

4) A Interpretação das Visões. 7:17-20, 23-27.

Exceto às observações feitas no começo deste capítulo, concorda-se de modo geral que a sucessão dos quatro domínios gentios seguidos pelo refilo messiânico é a mesma do capítulo 2. Mas, começando como versículo 19, a profecia avança muito além do sonho de Nabucodonosor, para dar detalhes de predição ao Anticristo final e o relacionamento que o povo de Deus terá com ele no período escatológico.

19. Tive desejo de conhecer a verdade a respeito do quarto animal. Esta besta é de interesse especial porque produz o "pequeno

chifre", o Anticristo, e é a forma final do domínio gentio (veja vs. 23-25 e cons. comentados sobre 2:40-43).

20. E também dos dez chifres. Veja o versículo 24. Dez reis se levantarão no estágio final do quarto reino (o romano) e reinado contemporaneamente (não sucessivamente; cons. Ap. 17:13 e segs., conforme explicação a seguir). **Daquele chifre que tinha olhos, e uma boca,** etc. Todos os intérpretes – judeus, cristãos, incrédulos – concordam que este é o Anticristo. Os racionalistas que insistem que isto foi escrito no período dos macabeus dizem que é Antíoco Epifânio (cerca de 165 A.C.) e que o nosso autor, embora enganado, pensava que o reino messiânico viria logo a seguir.

24-26. Observe aqui doze fatos sobre o Anticristo:

(1) Ele não *criará* uma confederação décupla; ele a *observará* (v. 24).

(2) Ele apenas será um outro rei "dez chifres . . . outro . . . diferente" (v. 8), e ele será mortal (Ap. 13:2; II Ts. 2:9). Ele será importante por causa da força satânica por trás dele.

(3) No começo ele será obscuro – "pequeno" (Dn. 7:8).

(4) Sua marcha para o poder começará com a conquista de três reinos (v. 8; cons. v. 24).

(5) Haverá nele, entretanto, algo de especial (**diferente dos primeiros dez**, v. 24). Veja Ap. 13:15; II Ts. 2:4. Muitos acontecimentos extraordinários estarão relacionados com ele (Ap. 13:16, 17; II Ts. 2:9, 10).

(6) Ele será muito inteligente - "olhos, como os de homem" (Dn. 7:8).

(7) Ele terá a habilidade da oratória (v. 8).

(8) Sua aparência será formidável (v. 20; cons. Is. 53:2, 3).

(9) Ele será blasfemo (Dn. 7:25; cons. Ap. 13:5, 6).

(10) Ele tentará introduzir uma nova era (Dn. 7:25, mudar os tempos).

(11) Ele tentará destruir Israel (v. 25a; cons. 9:26, 27).

(12) Seu tempo será curto (v. 25), um tempo, dois tempos e metade de um tempo (cons. Ap. 11:2; 13:5; Dn. 9:25; 12:7-12).

Evidências Aqui para um Ponto de Vista Premilenial:

(1) O reino do Messias segue-se ao aparecimento do Anticristo (aqui descrito mau em termos pessoais que institucionais) e sua destruição. A pessoa ainda não apareceu. Isto parece tornar impraticáveis os esquemas pós-milenial e amilenial de identificarem a Igreja com o Reino.

(2) O reino do Messias aqui seguir-se-á aos reinos gentios; de modo nenhum lhes é contemporâneo. Deve, portanto, ainda se encontrar no futuro.

(3) O reino de Cristo seguir-se-á a uma forma final de domínio gentio que ainda não apareceu.

(4) o reino messiânico é aqui externo no aspecto, não um reino no coração dos homens, como exige a teoria do Reino-Igreja.

(5) Este reino é de algum modo israelítico (cons. vs. 7, 22, 25, 27 com 8:24). Os "santos" ou povo santo mencionados aqui é o povo de Israel e nenhum outro. A Igreja não é um reino judeu.

III. A Nação Hebraica: Seu Relacionamento com o Domínio Gentio e o Seu Futuro no Plano de Deus. 8:1 – 12:13.

Daniel 8

A. Um Carneiro, um Bode, e um Pequeno Chifre: Israel em Conflito com o Anticristo do V.T. 8:1-27.

Este capítulo repete muito da predição do capítulo 2, e especialmente do capítulo 7. Acrescenta detalhes quanto aos períodos medo-persa e grego. Após uma introdução histórica (v. 1), descreve-se a visão de um carneiro e um bode (vs. 2.14), seguida por uma interpretação (vs. 15.26), e uma conclusão (v. 27).

1) Introdução Histórica. 8:1.

Esta visão veio dois anos após a do capítulo 7 (cons. 7:1). Ela veio quando os judeus exilados precisavam de encorajamento para crer que Deus realmente os restaurada, como tinha prometido (Jr. 25:11, 12).

2) As Visões. 8:2-14.

2. Quando a visão me veio . . . na cidadela de Susã. Sua presença em Susã, uma cidade 400 quilômetros a leste da Babilônia, foi apenas na visão (cons. Ez. 8:1-3; II Cr. 12:2 e segs.; contraste com Jr. 13:1-7). Susã foi mais tarde a capital da Babilônia no Império Persa. **Cidadela.** Uma estrutura ainda futura, um palácio persa, provavelmente (cons. Ap. 20; 21; e a visão de João da futura cidade). Era provavelmente o palácio de Xerxes um século mais tarde (486-465 A.C.), um dos mais magníficos de toda a antiguidade, abrangendo cerca de 1,01 hectare (cons. obras sobre arqueologia). Os acontecimentos do livro de Ester (cons. Et. 1:2) tiveram este cenário.

3. Um carneiro estava diante do rio, o qual tinha dois chifres. Novamente se insinua a dualidade do império medo-persa (cons. o peito e os braços do capítulo 2.). **O mais alto subiu por último.** Embora a Pérsia fosse mais notável dentro da união, era o reino mais jovem. Em 550 A.C., Ciro, um persa, o construtor de Passárgada, a 40 quilômetros ao norte de Persépolis, a capital mais antiga, revoltou-se contra os medos, que dominavam até então, e veio a ser o senhor do reino duplo. Isto aconteceu mais ou menos quando Daniel estava profetizando.

4. Dois livros das *Histórias* de Heródoto descrevem os acontecimentos resumidos aqui. O Império Persa não sofreu nenhum contratempo sério até 490, quando um pequeno mas determinado exército de atenienses em Maratona derrotaram as forças de Dario (pai de Xerxes, o Assuero de Ester). Uma segunda derrota, desta vez em uma batalha naval no golfo do Egeu (acima de Atenas), sucedeu a Xerxes dez anos mais tarde. Mas o carneiro realmente se engrandecia com uma magnificência que continua sendo lembrada e britada até o dia de hoje.

5. Um bode vinha do ocidente. Observe que ambos os animais são relativamente mansos animais domésticos e não iguais ao voraz urso ou leopardo do capítulo 7. Isto parece ser porque, no que se refere a Israel, ambos foram relativamente mansos a maior parte do tempo. Quanto ao relacionamento de um para com o outro, foram Viciosos (veja Ez. 34:17 e contexto, também Zc. 10:3). Conforme os metais da imagem se tornavam progressivamente mais fortes, assim o bode é mais forte do que o carneiro. O ímpeto destro dos exércitos de Alexandre está predito na última parte de Dn. 8:7. Seu pequeno e rápido exército, com sua devastadora formação em falanges, varreu a Ásia Menor, a Síria, o Egito e finalmente a Mesopotâmia (334-331 A.C). Depois disso seus exércitos avançaram na direção leste para a Índia, e então voltou-se novamente para o oeste.

8. Alexandre morreu com trinta e três anos de idade, de febre e excessos alcoólicos, na Babilônia. Nos vinte anos subseqüentes, suas vitórias foram divididas por quatro de seus sucessores militares. Duas das divisões resultantes – o Egito sob os Ptolomeus (o último dos quais foi a formosa Cleópatra) e a Síria sob os Selêucidas, os históricos reis do Sul e do Norte, respectivamente – são de importância na qualidade de vizinhos dos judeus. Eles se destacam de maneira especial no cap. 11.

9-14. Estes versículos predizem o triste conflito dos judeus, na segunda metade do segundo século A.C. (depois do seu regresso do exílio), com Antíoco IV, o rei selêucida, chamado *Epifânio* (o "Magnífico") pelos amigos, e *Epímanes* (o "louco") pelos inimigos. Muitos intérpretes evangélicos vêem aqui um tipo do Anticristo e o seu conflito com Cristo e o Seu povo no rural dos tempos. É possível que seja (veja abaixo). Os 2.300 dias são literalmente, **manhãs-e-tardes**, isto é, os holocaustos das manhãs e das tardes, e assim se referem na realidade a apenas 1.150 dias. Parecem se referir ao período de 168-165 A.C. quando o Templo foi profanado pelos sacrifícios pagãos.

3) Interpretação das Visões. 8:15-26.

15, 16. Gabriel significa *herói de Deus*. (Veja 9; 21; 10; 13; Lc. 1:19. Cons. Dn. 7:16 e observações.)

17, 18. Que um homem de caráter tão íntegro quanto o de Daniel pudesse reagir assim demonstra o abismo moral que separa Deus e os seres santos do céu do restante da humanidade. Veja também 10:9, 15, 17; Êx. 3:6; Is. 6:5; Ez. 1:28; Atos 9:3, 4; Ap. 1:17. Daniel tinha motivos para temer a morte (veja Êx. 33:20; Jz. 13:22).

19. Os termos, **ira** e **fim** (cons. 11:36), sugerem que aqui temos mais do que a história nos conta de Antíoco e os Macabeus. Esta observação dá apoio à interpretação típica acima sugerida. Não é incomum que se combine um ponto de vista literal, aproximado com um típico, distante dentro do escopo de uma profecia particular.

23-26. Esses versículos acrescentam detalhes específicos ao retrato de Antíoco. Os judeus dificilmente deixariam de reconhecê-lo quando aparecesse. Esta profecia pode muito bem ter sido o próprio meio divino usado para sustentar os fiéis através daqueles dias difíceis. Hebreus 11:34-37 comemora o seu heroísmo.

4) Conclusão Histórica.

8:27. Enfraquecerá. Literalmente, exausto. Mais tarde regressou ao trabalho, evidentemente meditando no que vira.

Daniel 9

B. A Profecia das Setenta Semanas: o Futuro de Israel no Plano de Deus. 9:1-27.

Esta profecia é única nas Escrituras em que realmente estabelece uma espécie de horário para os acontecimentos futuros. O que mais se aproxima dela é a profecia de Jeremias sobre os setenta anos (veja abaixo). A tabela conta os acontecimentos no futuro dos israelitas. Após dedicar um pouco de atenção ao cenário histórico (vs. 1, 2), Daniel prossegue falando de um período intensivo de oração (vs. 3-19), seguido

da chegada de um mensageiro angélico podador da profecia (vs. 20-23). A importantíssima profecia sobre as setenta semanas está no final (vs. 24.27).

1) O Cenário Histórico da Profecia. 9:1, 2.

1. **No primeiro ano de Dario.** Isto é, 539-538 A.C. sessenta e sete anos depois de Daniel ter sido levado no verão de 605 A.C.; cerca de cinquenta e nove anos do começo do cativeiro do Rei Jeoaquim (II Cr. 36:9, 10; Ez. 1:1 e segs.); um pouco menos que cinquenta anos a partir da destruição final de Jerusalém em 586 A.C. Isto explica o interesse de Daniel em Jerusalém (Dn. 9:2). Ele imaginou que o tempo já estava sendo contado. **Constituído rei sobre o reino dos caldeus.** Daniel não o confunde com Ciro. Ele não era constituído rei sobre o império medopersa, mas apenas sobre a Babilônia.

2. **O número de anos.** A referência parece ser a Jr. 25:11, 12, que diz "quando se cumprirem os setenta anos, castigarei a iniquidade do rei de Babilônia". Esse rei já fora punido; por isso Daniel sabia que já era o momento das **assolações de Jerusalém** terem um fim. **Setenta** é um número redondo; era na realidade sessenta e oito. Com. Lc. 21:26.

2) A Oração Exemplar de Daniel. 9:3-19.

Na apreciação de um poema, uma peça, ou uma pintura, o maior valor se encontra quando aceitamos simplesmente a criação como um todo. Do mesmo modo a oração de Daniel deve ser estudada como um todo. A oração foi um meio providencial para a reafirmação do que já estava determinado (veja Is. 42:24, 25; 43:14, 15; 48:9-11; Jr. 49:17-20. Cons. Jr. 50:4, 5, 20). Os nomes da Divindade que foram empregados são significativos. Daniel faz Deus se lembrar de que tanto Jerusalém (Dn. 9:18) como os judeus (v. 19) **são chamados pelo teu nome.** Ele se dirige ao Senhor como o Senhor Deus (*Adonay* e *Elohim*, v. 3) e SENHOR Deus (*Yahweh Elohim*, v. 4). Veja um dicionário bíblico com referência aos nomes de Deus. O conceito que Daniel tinha de Deus

indica um equilíbrio entre o Deus grande e temível (v. 4; cons. Is. 6:1 e segs.) e um Deus de misericórdia e perdão (v. 9; cons. Êx. 20:5, 6).

Os problemas de interpretação aqui não são difíceis. Observe que luz este versículo lança sobre a oração (Mt. 6:5-15; Lc. 11:1-13). Observe: 1) A oração de Daniel foi *persistente*, não desesperada (Dn. 6:1-10; cons. 9:1-3). Em sessenta e oito anos de espera, o profeta não perdeu a esperança. 2) Ele tinha *determinação* (v. 3; cons. Lc. 9:15). 3) Ele foi *importuno* (Dn. 9:3. Veja também Mt. 9:27; 15:22; 17:15; 20:30, 31. Com. Lc. 16:24; 17:13; 18:38, 39). 4) Ele demonstrou *humildade*. Observe como ele se associou com o seu povo em seus pecados (com. Lc. 18:10-14; II Co. 12:7). 5) Ele fez *confissão* (esp. Dn. 9:4, 5. Cons. Sl. 32:5; 51:4; Tg. 5:16). 6) Ele deu mostras de *submissão* (Dn. 9:14) e envolveu-se em 7) *petição* e 8) *intercessão*.

Tal como Moisés (Êx. 32:10-14; cons. Ez. 14:14, 20), Daniel, no papel de intercessor, argumentava com o Todo-Poderoso, sobre diversos assuntos: 1) O povo de Deus constituía um opróbrio entre os pagãos (Dn. 9:16). 2) A misericórdia de Deus era notória (v.18). 3) A reputação de Deus estava em jogo (v. 19).

3) O Mensageiro Angélico da Profecia. 9:20-23.

Importante à continuidade do livro é o fato de que através da segunda metade de Daniel o revelador é o mesmo indivíduo (cons. 7:16, 23; 8:16; 9:21; 10:5 e segs. e comentários). Observe também que aqui está uma resposta imediata à oração, enquanto que no capítulo 10 há uma resposta bastante atrasada, ambas dentro da vontade e plano de Deus.

4) A Grande Profecia das Setenta Semanas. 9:24-27.

(Para um exame mais detalhado, veja R.D. Culver, *Daniel and the Latter Days*, págs. 135-160.) Esta profecia é mencionada por Josefo: "Cremos que Daniel conversou com Deus; pois ele, além de profetizar o futuro, como os demais profetas, também determinou a hora do seu cumprimento" (*Antiq.* X. xi. 7). Jerônimo relata as interpretações cristãs

correntes em seu tempo. São variadas como as nossas hoje em dia, sendo que naquele tempo, como atualmente, todos sentiam que a profecia se referia a Cristo. Pelo menos um escritor (Hipólito) achava que a profecia atingia o tempo do Anticristo no final dos tempos conforme declarado e defendido neste comentário (*Comm. on Daniel* de Jerônimo, tradução Archer, pág. 103. Veja também Froom, *The Prophetic Faith of the Fathers*, 1, 277. Hipólito, "Treatise on Christ and Antichrist", *Ante-Nicean Fathers*, V, 213).

24. Setenta semanas estão determinadas. A palavra hebraica para semanas (*shabu'im*), "setes", significa "setes" de anos. Esta interpretação era comum na antiguidade. Daniel estava pensando em um múltiplo de "sete" de anos (9:1, 2; cons. Jr. 25:11, 12). Ele sabia que esse múltiplo (setenta anos) seria uma época de juízo por 490 anos de sábados violados ($490 \div 7 = 70$. Veja II Cr. 36:21). Além disso, havia um simples "sete" de anos usado nos ajustes de contas civis e religiosos (Lv. 25, esp. v. 8) também chamado de "semana" como o grupo de sete dias.

Ainda mais, quando se referia a semanas de dias (Dn. 10:2, 3) o termo hebraico para "dias" (*yamim*) era acrescentado às "semanas" (*shabu'im*). Isto aparentemente indica uma alteração no uso do cap. 9. Mais importante ainda é que, se qualquer significado literal for acrescentado às semanas, nenhum período menor que as semanas de anos preenchem as exigências do contexto. **Sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade.** O povo é o dos judeus; a cidade é Jerusalém.

"Traduzi aqui *al* por sobre . . . a fim de me aproximar o mais possível da verdadeira idéia do hebraico; pois *al* frequentemente designa a idéia de *sobre* no sentido do que é um fardo, ou é usado num sentido hostil de acordo com o léxico . . . Aqui isto está explícito. As setenta semanas compreendiam um fardo especial, as provações, as dificuldades, através das quais Israel devia passar, antes que o Grande Libertador pudesse fazer o Seu aparecimento, ou na linguagem do restante do versículo, antes que o pecado fosse completamente subjugado ou expiado, e a justiça fosse introduzida na medida plena geralmente profetizada" (Stuart, *Commentary*, pág. 268).

É este fato, a referência Jerusalém-judeus da profecia, que torna improvável qualquer das interpretações mais amplas de "Igreja" e "redenção".

Seis realizações de 490 anos são preditas:

1) **Cessar a transgressão.** "Cessar" (heb. *lekalle'*) significa "completar", não "expiar", como às vezes se sustenta. O tipo de transgressões que Daniel estivera confessando em nome do seu povo tinha de chegar ao fim. Isto, contudo, só aconteceu dois milênios e meio mais tarde.

2) **Dar fim aos pecados.** Literalmente, *selar*. Esta palavra (como em Jó 9:7; 37:7) significa colocar sob controle. Cons. o selamento da prisão de Satanás para contê-lo (Ap. 20:1-3).

3) **Expiar a iniquidade** (*lekap-per 'awon*). A reconciliação do Calvário será novamente efetivada para o povo de Daniel, "naquele Dia" do segundo advento do Messias, quando eles olharem para Ele, "ao qual traspassaram" (Zc. 12:10; cons. Ap. 1:7) e em arrependimento crerão nEle (Jr. 50:4, 5, 17-20).

Os três primeiros itens da realização são negativos. Os três restantes são positivos:

4) **Trazer a justiça eterna.** Isto se efetuará pela transformação moral interior (Jr. 31:33, 34).

5) **Para selar a visão e a profecia** (heb. *profeta*). Quando o povo deixar de pecar, os oráculos disciplinares já não serão mais necessários (Jr. 31:34).

6) **Ungir o Santo dos Santos** (*o lugar santíssimo*). A maioria dos comentaristas até mesmo muitos amilenialistas (por exemplo, Keil e Leupold), para os quais esta passagem é um tanto embaraçadora, acham que isto se refere a um Templo renovado, ungido como o Tabernáculo de outrora, seguindo-se aos resultados enumerados nas cinco promessas precedentes (veja Ez. 40:1-7; Is. 4:2-6). A natureza da adoração em tal templo é problemática tendo em vista o fim do sistema ritual (veja

Epístola aos Hebreus; Cl. 2:14-17). Mas este problema não deveria interferir com a aceitação desta predição.

25. Desde a saída da ordem para restaurar. Embora o decreto fosse feito no céu, seria manifestado na terra em algum edito humano permitindo a volta e a restauração. O ponto de vista preferido é o de Africano (segundo e terceiro séculos) que afirma que isto se refere ao decreto de Artaxerxes, o Longímano (465-423? A.C.) feito em 445-444 A.C. (Ne. 2). A linguagem de Daniel se encaixa melhor aqui do que no decreto de Ciro (Is. 44:28, no contexto; Esdras 1:1-4). **Até ao Ungido, ao Príncipe.** As opiniões são unânimes de que este é Cristo nosso Senhor. *Messias* é a palavra hebraica para **ungido**, traduzido *Christos* no grego e transliterado *Christus* para o latim, do qual derivamos "Cristo". Algumas apresentações oficiais, tais como a do seu batismo e o começo formal do seu ministério, ou sua entrada triunfal, parecem estar preditas.

Sete semanas; e sessenta e duas semanas. Esta tradução traduz melhor o hebraico e tem o peso de séculos de tradição e tradução cristã a apoiá-la. O raciocínio e as evidências apresentadas pela RSV, que traduz esta cláusula quase incompreensivelmente, é mais obscura, embora o efeito – fazer o foco profético recair sobre Antíoco e não sobre Cristo – é bastante claro. A Versão Berkeley não é melhor. Ambas parecem destruir a referência essencial a Cristo neste versículo.

Na realidade, 7 mais 62 são 69; $69 \times 7 = 483$. De 444 A.C. até 30 d.C., O período geral do ministério de Cristo é de 470 e mais alguns anos – tão próximo dos 483 especificados que, sem mais sutilezas a correspondência é bastante convincente – e tão precisa em proporção quanto os 70 anos da profecia de Jeremias, realmente apenas cerca de 68 anos. Visto que Cristo se apresentou oficialmente como o "Príncipe-Messias" apenas uma vez (Zc. 9:9; cons. Mt. 21:5. Compare Mt. 16:20; Lc. 9:20, 21) no começo desta última semana os intérpretes que favorecem a Entrada Triunfal no final das 69 semanas parecem estar na trilha certa.

A obra de Sir Robert Anderson, *The Coming Prince*, que procura reduzir a profecia à precisão matemática, é a mais convincente. Contudo, à vista do atual estado dos estudos neotestamentários em relação à cronologia da vida de nosso Senhor e especialmente à data da crucificação, aceitar este ponto de vista é assunto arriscadíssimo. As evidências de Anderson para o término *a quo* e *ad quem* são ainda mais respeitáveis mesmo se a sua matemática não for considerada como prova de inspiração absolutamente demonstrativa.

26. Depois das sessenta e duas semanas. É mais importante observar que certos acontecimentos são ditos serem depois (heb. *we'aherê*) das sessenta e duas semanas (mais, é claro, as sete, ou sessenta e nove ao todo). A palavra hebraica não significa "então" ou "naquele tempo" como algumas outras palavras (cons. 12:1). Como também a profecia não coloca de forma alguma o próximo acontecimento na septuagésima semana. Ela a coloca depois da sexagésima nona.

Será morto o Ungido, e já não estará (ou, *e nada terá*, ASV); **e o povo de um príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário.** Quase todos os intérpretes evangélicos concordam que esses dois acontecimentos, a morte do Messias (**Ungido**) e a destruição do santuário referem-se à crucificação de Cristo e à destruição de Jerusalém pelos romanos. Esses dois acontecimentos estão separados por um período de aproximadamente quarenta anos (29-60 d.C.). Contudo, na ordem literária da passagem, ambos se encontram **depois** da sexagésima nona semana e *antes* da "última semana" final mencionada no versículo seguinte. Assim a própria sintaxe, gramática e significado das palavras indicam uma interrupção na sucessão das setenta semanas.

Outras importantes razões para se supor a existência de um intervalo aqui são:

(1) Jesus colocou a semana culminante, com sua "abominação", no período final do Anticristo, exatamente antes de Sua segunda vinda (Mt. 24:15).

(2) Daniel 7:25, que descreve o que parece ser os mesmos acontecimentos de 9:27, a septuagésimo semana, é certamente uma profecia do Anticristo final.

(3) O período de três tempos e meio ou anos (a segunda meia semana do v. 27) é geralmente mencionado em outras passagens das Escrituras e sempre num cenário escatológico (Ap. 11:2, 3; 12:6, 14).

(4) As seis coisas a serem realizadas nas setenta semanas (veja Dn. 9:24 e comentários) exigem o segundo advento de Cristo e a restauração e conversão de Israel.

Estas considerações demonstram que a idéia de um intervalo entre as semanas a esta altura é questão de exegese. Considerações teológicas não estão envolvidas de maneira direta. O autor não é de opinião que a Igreja seja uma simples compensação provisional lançada nesse hiato ou intervalo. Tanto os teólogos "dispensacionais" como os "reformados" que seguem a linha presbiteriana encontram, sem dúvida, mais material nesta profecia do que realmente existe. Vamos ficar com o que a passagem declara. C.F. Keil (*Commentary*, in loco) está certo em afirmar que diz-se que o príncipe virá (*habba'*) porque já foi apresentado e discutido na profecia do capítulo 7 como o Anticristo final. Os romanos que destruíram Jerusalém (70 d.C.) eram o seu povo porque eles e ele pertencem ao quarto estágio (o romano) do império mundial (caps. 2 e 7).

27. Ele fará firme aliança com muitos por uma semana. A linguagem (*hîgbîr*, de *gabar*, "ser forte") não significa uma confirmação de uma aliança mas a causa de uma firme aliança. *E ele prevalecerá* é uma excelente tradução. O mais natural antecedente para **ele**, o sujeito da cláusula, é o "príncipe" perverso do versículo 26. Esta é a palavra mais próxima na concordância gramatical e se encaixa no sentido. Os **muitos** aqui, como também em outras passagens, é uma referência ao povo hebreu, o assunto em discussão através de todo o capítulo 9 (cons. vs. 2, 12, 18, 19, esp. 24, "teu povo . . . , tua santa cidade"). Evidentemente a aliança será feita entre o Anticristo e Israel quando os judeus voltarem a

sua terra nos últimos tempos. A natureza exata da aliança é desconhecida.

Os acontecimentos maus e destrutivos descritos no restante do versículo deveria ser interpretado como um resumo informativo relativo ao "tempo da angústia de Jacó" final (Jr. 30:7 e contexto) apresentado mais detalhadamente em Dn. 12:1 e segs.; II Ts. 2; Ap. 13; 14; e outras passagens.

C. A Visão Final: Israel Através dos Séculos e na Consumação nas Mãos dos Inimigos e nas Mãos de Deus. 10:1 – 12:13.

Daniel 10

Os três últimos capítulos de Daniel constituem uma unidade profética. As "datas" de 11:1 e 12:1 não anunciam novos oráculos, como as informações similares no começo de outros capítulos.

O capítulo 10 é o registro de uma visão introdutória, correspondente na estrutura da seção com os dois primeiros versículos do capítulo 9. O capítulo 11, até o versículo 35, trata de acontecimentos há muito passados que transpiraram principalmente no período grego depois da morte de Alexandre e culminaram com a perseguição dos judeus por Antíoco Epifânio. De 11:36 até o fim do capítulo 12, a predição é dos eventos relacionados com o fim dos tempos.

Através de toda esta seção, Daniel está preenchendo com mais detalhes o quadro pincelado nas suas primeiras profecias. Capítulo 2 nos deu o esboço principal; capítulo 7 reforça-o de um outro ponto de vista, ampliando a etapa final do fim dos tempos do quarto reino e o reino do Messias, o futuro dos Hebreus ("santos" ou "povo santo") é meramente introduzido. Capítulo 8 nos dá mais detalhes do estado dos judeus no período da Média-Pérsia e Grécia, dando ênfase a Antíoco Epifânio e o conflito dos Macabeus. O capítulo 9 apresentou um esboço de todo o futuro de Israel e Jerusalém. Agora este oráculo final, os capítulos 10 a 12, preenche os detalhes do futuro de Israel, concentrando-se no período

do Anticristo e na questão relacionada com "as últimas coisas": a Grande Tribulação, a ressurreição dos mortos, as recompensas e castigos finais.

Estes capítulos finais também tratam do maravilhoso ponto culminante na experiência do crescimento espiritual atingido pelo profeta de Deus. Primeiro, ele apenas interpretou o sonho de outrem através de um sonho seu (cap. 2). Mais tarde ele interpretou outros sonhos e experiência de Nabucodonosor e Belsazar (caps. 4 e 5). O capítulo 7 conta suas próprias visões – experiências espirituais verdadeiramente grandes. A história do capítulo 8 trata de um "arrebamento" espiritual, através do qual ele recebeu, em uma terra longe do lar, uma visão do futuro que afetaria a sua nação. Logo a seguir trata de uma visão verdadeiramente física do anjo Gabriel no quarto do próprio Daniel. Agora o profeta vê com os seus olhos alguém parecido com o próprio Filho de Deus em sua presença física.

1) As Circunstâncias da Revelação. 10:1-4.

1. A data explica o pranto de Daniel. No terceiro ano de Ciro o trabalho da restauração do Templo (Esdras 1.3) foi interrompido (Esdras 4: 4, 5).

2, 3. Estes versículos mostram que a idade avançada pode ser um período de intensa atividade e realizações espirituais (cons. Lc. 2:36, 37).

Era uma abstinência temporada, não ascetismo (veja Mc. 7:14-23; Atos 10:9-18; I Tm. 4:1-5).

2) A Revelação e os Seus Efeitos. 10:5-9.

Favorecendo a identificação do homem do versículo 5 como sendo Gabriel, o anjo que mais tarde fala com Daniel, está a ausência de qualquer indicação categórica que diga o contrário. Favorecendo a identificação do homem como sendo o Cristo pré-encarnado estão: 1) correspondência de linguagem com 7:13; 2) semelhanças com a visão que Ezequiel teve dEle (Ez. 1:26, no contexto); 3) semelhança com a visão que João teve de Cristo (Ap. 1:12-20); 4) o fato dEle permanecer,

mais tarde na visão, "acima das águas", separado, onde nem mesmo os anjos se atrevem a ficar (Dn. 12: 6); 5) a maneira pela qual os anjos apelaram para Ele em busca de conhecimento superior (12: 6).

O efeito desta visão sobre Daniel deveria fazer-nos cautelosos em buscar ou orar pedindo experiências sobrenaturais fora do comum da presença de Deus além daquelas experiências comumente garantidas aos crentes sinceros.

3) O Fortalecimento do Profeta para o Seu Trabalho. 10:10-12, 15-19.

Sugestões para a vida devocional particular do crente: 1) O temor não é necessariamente prejudicial (compare com Rm. 3:18). "Deus quer que os nossos temores nos sirvam de freios" (Calvino). 2) A oração deve ser fervorosa quando sabemos a vontade de Deus. O anjo apenas confirmou o que Daniel já sabia (cons. I Jo. 5:14). 3) Profunda humildade é uma circunstância concomitante da oração à vista da soberania de Deus. 4) O temor, o fervor, a humildade, devem estar ligados à confiança ou ousadia, pois nós nos aproximamos do nosso Deus em Cristo (cons. "teu Deus" Dn. 10:12). Veja também Hb. 11:6; Tg. 1:6, 7 ; Hb. 4:16. 5) Expectativa. Algo realmente aconteceu.

4) O Alcance da Profecia. 10:14. Veja comentários sobre 2:38.

5) Os Conflitos do Mensageiro Angélico. 10:13, 20, 21.

No mundo do V.T. os homens criam que cada nação tinha o seu próprio Deus especial (por exemplo, Is. 37:38; Dn. 4:8; II Cr. 28:23). Os profetas proclamaram a nulidade dos ídolos. Há, entretanto, em outras porções das Escrituras, informações ocasionais sobre o fato que os maus espíritos, que não devem ser identificados com os ídolos, estavam por trás de todo o engano, tendo nisso prazer e lucro perverso (Ef. 6:11, 12; I Co. 8:4, 5; 10:19, 20; Judas 9; Ap. 12:7; Mt. 25:41). Veja também II Co. 10:3, 4; I Tm. 4:1-4.

Daniel 11

6) O Futuro Imediato de Israel em Relação às Nações. 11:1-35.

a) A profecia sobre os Medos e os Persas (vs. 1, 2).

O propósito e a natureza do fortalecimento angélico dado a Dario só pode ser imaginado. Talvez tenha algo a ver com o tratamento benevolente que o rei concedeu aos judeus. **Os três reis . . . da Pérsia** parece que foram: primeiro, Cambises, o filho de Ciro (ascensão em 529 A.C.); segundo, Pseudo-Smerdis, um impostor (embora Olmstead, *History of Persia*, argumente que ele foi um genuíno aquemênida que reinou por pouco espaço de tempo em 522 A.C.); e terceiro, Dario I, ou Histaspes, também chamado, o Grande, (522-486 A.C.), um monarca verdadeiramente grande. O quarto, **mais do que todos**, era, então, Xerxes, conhecido em Ester como Assuero (486-464 A.C.). As guerras de Dario e Xerxes, com as quais os persas enfureceram toda a Grécia, são bem conhecidas dos estudantes da antiguidade clássica e história antiga.

b) A Profecia sobre os Gregos e Alexandre (vs. 3, 4). Veja observação sobre o capítulo 8.

c) Profecia sobre a Síria e o Egito em Conflito Entre Si e com os Judeus (vs. 5-35). Falta de espaço proíbe-nos de nos aprofundarmos em detalhes na correspondência entre a profecia de Daniel e a história do reino selêucida sírio (o rei do norte) e a história do reino egípcio dos Ptolomeus (o rei do sul). A profecia não apresenta um aspecto contínuo; isto é, tem brechas. Nem apresenta um apanhado completo da história egípcia da época. Até mesmo nas porções do V.T, que são chamadas de históricas falta a precisão exigida na história estrita. Não podemos, portanto, esperar que as predições sejam tão precisas quanto a seqüência, cronologia, etc., quanto a nossa curiosidade exige.

O **Egito** (v. 8) é mencionado pelo nome de modo a identificar-se como sendo o "rei do sul" (v. 9); mas a Síria (na realidade abrangendo território mais extenso que o da Síria e historicamente não relacionada com o reino do V.T, que leva esse nome) ficou sem ser mencionado. Isto parece acontecer porque o Egito há muito que era conhecido como um reino no tempo de Daniel, mas o reino dos Selêucidas ainda não existia. Se Daniel fosse escrito no segundo século, como alguns críticos defendem, o reino da Síria teria sido certamente nomeado.

No versículo 21 Antíoco Epifânio (175-163 A.C.) é apresentado como um **homem vil**. A perversa perseguição que ele moveu contra os judeus e a profanação do Templo são descritos por uma testemunha contemporânea em I Macabeus, que deve ser lido por todo estudante de Daniel. Sua ação está predita também em Dn. 8:13, e seus atos fornecem um tipo de padrão para aqueles do perverso "príncipe, que há de vir" (Dn. 9:26, 27; cons. II Ts. 2:4, 5; Mt. 24:15-21).

Nos tenebrosos dias de Antíoco só aqueles que conheciam **o seu Deus** (Dn. 11:32) foram capazes de manter as cabeças erguidas sem se envergonharem, sendo capacitados por Deus a permanecerem em atividade. Muitos morreram por causa de sua fé (vs. 34, 35), ensinando a muitos através de sua atitude (v. 33). Seus sofrimentos formaram caracteres fora do comum, com a ajuda de Deus (vs. 34, 35). Foram os separatistas daquele tempo, que se recusaram a partilhar dos vícios pagãos de seus senhores gregos e dos belos aspectos ilusórios de seu ritual e sua religião. Eles constituem o elo principal entre os dois Testamentos, pois seus descendentes espirituais aparecem nos Evangelhos como nome de fariseus (que significa "os separados"). Como é triste saber que seus descendentes afastaram-se de seus verdadeiros princípios! Hebreus 11:34-39 comemora os judeus fiéis daquele tempo de tribulação.

d) A Profecia de Israel em Conflito com "o Rei Voluntarioso" (vs. 36-45). Jerônimo declara que no seu tempo esta porção de Daniel era

aplicada ao Anticristo pelos "nossos escritores". E até os dias de hoje esta interpretação é a que prevalece. Damos abaixo as principais razões para defendermos que a profecia passa de Antíoco para o Anticristo precisamente no versículo 36.

(1) O alcance da profecia (10:14) exige alguma referência escatológica, tornando assim possível esta divisão.

(2) Embora toda a profecia de Daniel até 11:35 possa ser facilmente relacionada com os acontecimentos bem conhecidos da antiga história, essa correspondência não pode continuar além desse ponto.

(3) O versículo 36 menciona um rei cujo período é "a indignação", um termo técnico extraído da literatura profética de Israel, geralmente referindo-as aos acontecimentos escatológicos (por exemplo, Is. 26:20).

(4) As predições inclusas correspondem com bastante precisão às profecias reconhecidas do Anticristo final (cons. II Ts. 2:4 e segs.; Ap. 13; 17).

(5) Uma brecha literária natural aparece antes de Dn. 11:36.

(6) O rei voluntarioso é um elemento novo, separado dos outros dois reinos cuja história está sendo examinada até o versículo 35.

(7) De força decisiva é a ligação com a Grande Tribulação, a ressurreição dos mortos e as recompensas finais, etc. (12:1-3), fornecida pelas palavras "nesse tempo" (heb. *ûbe'et hahî*, 12:1). O tempo desses acontecimentos escatológicos é o tempo dos acontecimentos da parte final do capítulo 11.

36. Este rei é o mesmo "filho da perdição" (II Ts. 2:3, 4), que deve aparecer antes do segundo advento de Cristo (II Ts. 2:1, 2; cons. Dn. 7:11, 25). Sua carreira será curta, durando apenas até a indignação de Deus se desencadear sobre a humanidade no fim dos tempos.

37. Deus de seus pais (*elhê 'abatayw*). Embora possa ser traduzida assim, esta frase certamente deve ser interpretada referindo-se ao Senhor Deus de Israel, pois um falso Messias dos judeus dificilmente seria um gentio. "Deus de seus pais" é uma designação familiar para o Senhor. **Desejo de mulheres.** Significado desconhecido. As interpretações

variam desde ídolos femininos até paixões sexuais. (Veja comentários sobre o "pequeno chifre" do cap. 7.)

38, 39. O deus das fortalezas. Adoração ao poder militar, como a dos Césares, dos heteus, etc. Os dois versículos descrevem uma fraude monumental, que, embora se proclamasse um deus, secretamente praticava charlatanices com astrólogos, adivinhos, etc. uma situação não de todo incomum na história.

40. No tempo do fim. Cons. I Co. 15:24; Mt. 28:20; 13:39. O fim é o fim dos acontecimentos profetizados neste livro – a chegada do reino messiânico para substituir os outros. Daqui para o final das profecias de Daniel, foram focalizados acontecimentos rurais (cons. esp. 12:1, "nesse tempo", etc.). O fim do Anticristo foi apresentado em outra parte (Ap. 19:11 e segs.; Is. 11:4; Sl. 2). Observe que através desta seção este rei voluntarioso não é nem "o rei do norte" nem "o rei do sul", os quais lutam contra ele. Com que nação esses dois oponentes serão identificados é difícil dizer-se ao certo. O Sucesso do Anticristo na guerra é o que se profetiza aqui (cons. Dn. 7:8, 20; Ap. 17:13). Do mesmo modo as máquinas de guerra especiais – redemoinho, canos, cavaleiros, nados – devem ser interpretados em termos de traquinas do futuro. Ele terá armas modernas. Daniel viu a guerra em termos do seu próprio dia, caso contrário não os teria entendido.

41. Aqui há uma descrição de um ataque à Palestina. Talvez deveria ser ligado com a quebra da aliança do Anticristo (Dn. 9:27). No seu fracasso de tomar Edom, Moabe e Amom, veja Is. 11:14. **Muitos.** No hebraico não se encontra a palavra "países" após muitos.

42-44. A coincidência desta seção com os acontecimentos que prepararam o caminho à II Guerra Mundial, especialmente o começo da carreira de Mussolini, é surpreendente. Mas o fracasso da história em justificar a interpretação profética daquela década deveria desencorajar outras identificações prematuras com os poderes contemporâneos. Isto é certíssimo: haverão pelo menos três fortes poderes nacionais

contemporâneos como o Anticristo, o rei "romano". Eles se dá "do norte" (v. 40), "do sul" (v. 40), **e do oriente** (v. 44).

45. Evidentemente na Palestina, querendo acabar com o perene problema dos judeus, procura acabar com os próprios judeus, e aí encontra o seu fim (Zc. 12:1-14; cons. Joel 3:16; veja também Zc. 14; Ap. 14:17-20; 19). Tregelles (op. cit.) aplica Is. 14: 14 e Ez. 28 à queda deste homem. G.H. Lang (*Histories and Prophecies of Daniel*) aplica Ez. 38 e 39 neste ponto.

Daniel 12

e) Profecia Relativa à Grande Tribulação de Israel (12:1). Veja Jr. 30:4-11. **Neste tempo** (cons. coment. sobre Dn. 11:36). Exatamente quando se desenrolam os acontecimentos de 11:36-45. **Miguel**. Veja Ap. 12:7; Js. 5:13-15; II Rs. 6:15-17; Is. 37:35, 36; Mt. 26:53. Este é o período da angústia de Israel. Toda a referência que lhe é feita usa a linguagem superlativa (cons. também Mt. 24:21). É um castigo providencial através das perversas mãos do Anticristo preparando a vinda do Messias (cons. Jr. 30; 31; Ez. 20:33-38. Veja R. Culver, *Daniel and the Latter Days*, págs. 69-76). Embora seja especialmente a **tribulação** de Israel, é um tempo de *indignação* divina sobre toda a terra igualmente; portanto outros sofrerão também (Is. 26:20; Dn. 11:36; Ap. 16:10).

f) Profecia referente à Ressurreição dos Mortos (v. 2). Como o restante da profecia, este versículo relaciona-se com os israelitas. Considerando que a Escritura nada diz sobre uma ressurreição especial para Israel, a "primeira ressurreição" predita em Ap. 20:6, incluirá este grupo. Daniel 12:2 refere-se apenas ao Israel **justo**. Outras passagens que falam de três estágios na ressurreição (a de Cristo, a dos santos, a do restante dos mortos) são I Co. 15:20-24 (veja R. Culver, "A Neglected Millennial Passage from St. Paul", *Bibliotheca Sacra*, Abril, 1956; C.F.

Kling, trad. de D.W. Poor sobre I Co. IS: 20.24 em *Lange's Commentary*) e Ap. 20. Veja também João 5:28, 29 ; Atos 24:15.

Que esta passagem descreve uma ressurreição seletiva é assunto pacífico não somente entre muitos mestres premilenialistas, mas também entre alguns amilenialistas (por exemplo, Keil). Veja R. Culver, *Daniel and the Latter Days*, págs. 172-176; Tregelles, *Remarks*, in loco.

g) Profecia Relativa às Recompensas Finais (v. 3). **Sábios.** Veja 11:33, 35; 12:10. Cons. Pv. 11:30; I Co. 9:19; Tg. 5:20; I Pedro 2:19-25; 4:12-16. Veja também I Co. 3:19-23; 9:25; II Co. 5:8-10; Fp. 4:1; I Ts. 2:19; II Tm. 2:5; 4:8; Tg. 1:12; I Pedro 5:4.

h) Profecias Finais e Instruções (vs. 4-13).

4. Encerra as palavras e sela o livro. Nenhuma referência ao obscurecimento do significado. Uso paralelo indica que está relacionada com a proteção e autenticação da mensagem. Veja uma concordância. **Muitos o esquadrinharão, e o saber se multiplicará.** Os olhos das pessoas percorrerão a profecia e a compreensão aumentará. Está se tratando da disposição do livro e o seu futuro.

5. Daniel (como os apóstolos, Atos 1:3-6) sabia que a revelação estava se aproximando do fim. Ele ficou imaginando quando todos esses acontecimentos teriam lugar (cons. Atos 1:7,8). **Outros dois.** Duas figuras angélicas, uma das quais deve ter sido o Gabriel das visões anteriores.

6. Sobre as águas. Aqui o abismo que separa as criaturas (anjos) do Criador aparece na visão. O homem vestido de linho parece ser o próprio Filho de Deus pré-encamado (cons. Ap. 1:13-20), observe que as últimas questões se referem a ele.

7. A consumação terá lugar quando os três tempos e meio (3 anos e meio; 1.260 dias, 42 meses) tão freqüentemente mencionados nas profecias anteriores de Daniel tiverem se esgotado. Este versículo é base importante para sustentar a interpretação futurista não só de Dn. 9:27 (a septuagésima semana), mas das porções principais do Apocalipse. A

última metade das semanas de anos é um aspecto importante na profecia, porque nela se realizam os principais acontecimentos da consumação. A majestosa cena do juramento reaparece no Ap. 10:5-7. Observe que o centro do interesse profético ainda é o precioso **povo santo** de Deus (e de Daniel).

8. Daniel ainda não era um ás da interpretação profética. Não pode haver um especialista em profecias até que estas se transformem em história (cons. Jo. 2:22).

9. Veja coment. sobre o versículo 4.

10. Veja Sl. 19:7.

11. Este versículo leva a profecia do meio da septuagésima semana de Daniel 9 até os primeiros trinta dias do Milênio que vem a seguir, talvez o fim de algum período de "operação de limpeza".

12. Isto leva a profecia sessenta e cinco dias além do fim da "semana". Será que atinge o pleno estabelecimento do reinado do Messias depois de sessenta e cinco dias de operação preliminar inicial? O Milênio, se for uma verdadeira administração do governo celeste na terra de maneira visível, exigirá tempo para o processo administrativo começar a operar.

13. Tu, porém, segue o teu caminho até o fim; pois descansarás, e, ao fim dos dias, te levantarás. Um homem com a avançada idade de Daniel não pode vestir uma roupa especial e subir até a colina mais próxima para aguardar a vinda do Senhor. E nós também não. Antes, todos devemos como Daniel, servir fielmente até o fim.

Vamos, pois, estar de pé e agindo
com o coração preparado pra lutar –
Ainda realizando, ainda persistindo,
Aprendendo a viver e a esperar.

– Longfellow.

Pois descansarás. À luz do restante da Bíblia, estas palavras significam simplesmente que Daniel, como todo crente verdadeiro, encontrará um tipo real de repouso na sepultura (cons. Is. 57:2), seu

espírito se regozijando na presença de Deus, onde ele veria a sua face (Ap. 22:4; Lc. 16:19-22). O estado intermediário, isto é, o período entre a morte e a ressurreição, não é nenhum purgatório doloroso, como a Igreja Romana ensina, nem um estado de sono inconsciente do corpo e alma. É antes "partir e estar com Cristo" (Fp. 1:23), "no paraíso" (Lc. 23:43). É um período de descanso, como lemos aqui, no seio de Abraão (Lc. 16:22) e um período de conforto (Lc. 16:25).

E ao fim dos dias ... para receber a tua herança. Nem Daniel nem qualquer outro santo jamais ficará perdido no "campo de batalha do mundo, no bivaque da vida" – antes ele se *levantará* na glória da ressurreição. Semeados em corrupção, colhidos em incorrupção; abatidos em desonra, elevados em honra; humilhados em derrota, exaltados em vitória; sepultados em tristeza, ressuscitados em alegria, nós nos levantaremos para receber a nossa **herança**. Há uma "coroa de justiça" guardada e que o Senhor nos dará naquele dia.

Com esta calma nota de alegria sem medida, o livro de Daniel chega ao fim.